

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

GUSTAVO JONAS ROCHA DE MEDEIROS

MARIA, MÃE E MULHER – A MARIOLOGIA DO PAPA FRANCISCO

**SÃO PAULO
2023**

GUSTAVO JONAS ROCHA DE MEDEIROS

MARIA, MÃE E MULHER – A MARIOLOGIA DO PAPA FRANCISCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Me. Dayvid da Silva.

**SÃO PAULO
2023**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Altíssimo e Onipotente, que em sua infinita bondade se dignou revelar a humanidade e a alguns chamou para viver de modo mais próximo na radicalidade do batismo, vivendo os conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência. Juntamente com a Santíssima Trindade, agradeço a Virgem Maria que me acompanhou nestes últimos anos, sempre fazendo ressoar o apelo das Bodas: “fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

Agradeço a Província São Francisco de Assis da Ordem dos Frades Menores Conventuais por atualizar para os dias de hoje a espiritualidade do Santo de Assis e por me apoiar em minha vocação religiosa. Agradeço a todos os meus confrades que me acompanham em minha caminhada vocacional, de modo especial ao meu provincial Frei José Hugo OFM Conv e aos meus confrades Frei Avedis Barbosa OFM Conv, Frei Carlos Queiroz, Frei Diogo Fuitem OFM Conv, Frei Lauro Apolinário OFM Conv, Frei Arildo Magalhães OFM Conv e Frei Breno Augusto OFM Conv. Juntamente com eles, agradeço todos os contribuintes do SOS Vocações.

Agradeço a minha família que em todas as decisões da minha vida me apoiaram e me deram todas as forças possíveis para a realização, agradeço imensamente o meu pai Sidnei Spessotto de Medeiros pela sua solicitude; agradeço a minha mãe Marlene Rocha de Medeiros pela sua dedicação e agradeço ao meu irmão Fabricio Rocha de Medeiros pelo seu companheirismo. Um agradecimento a Sônia e Rayane que ajudaram na correção deste texto e aos amigos Eder, Rubens, Daniel e Erick.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, por proporcionar um ambiente propício para a reflexão teológica e disponibilizar ferramentas para meu aprimoramento. Agradecimento especial para o orientador Prof. Me. Dayvid da Silva pela ajuda e auxílio neste Trabalho de Conclusão de Curso.

*“Ave, ó Senhora, santa Rainha,
Santa Mãe de Deus, Maria,
que és virgem feita Igreja.”
(São Francisco de Assis)*

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade apresentar uma reflexão teológica de Maria de Nazaré, a partir do pensamento presente no pontificado do Papa Francisco, tendo como base os seus discursos e documentos pontifícios. Resgatando elementos presentes nas Sagradas Escrituras e dos Santos Padres se verifica a importância daquela que “foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho” (LG 53). Depois da renovação proposta pelo Concílio Vaticano II, Maria foi cada vez mais associada com a Igreja, reforçando esta ligação íntima presente entre a Mãe de Jesus e o Povo de Deus. Como filho do Concílio, o Papa Francisco ressalta dois aspectos que devem ser bem delineados na mariologia, para serem depois aplicados na eclesiologia: a dimensão do feminino e da maternidade.

Palavras-chave: Mariologia, Papa Francisco, Maria, Mãe, Mulher.

ABSTRACT

The present work aims to present a theological reflection of Mary of Nazareth, from the thought present in the pontificate of Pope Francis, based on his speeches and pontifical documents. Rescuing elements present in the Holy Scriptures and the Holy Fathers, one verifies the importance of the one who “was enriched with the lofty mission and dignity of Mother of God the Son” (LG 53). After the renewal proposed by the Second Vatican Council, Mary was increasingly associated with the Church, reinforcing this intimate bond present between the Mother of Jesus and the People of God. As a son of the Council, Pope Francis emphasizes two aspects that must be well outlined in Mariology, to be later applied in ecclesiology: the dimension of the feminine and motherhood.

Keywords: Mariology, Pope Francis, Mary, Mother, Woman.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Documentos do Magistério:

AS – *Admirabile Signum*.

CDSI – Compêndio da Doutrina Social da Igreja do Pontifício Conselho Justiça e Paz

DAp – Documento de Aparecida

DM – Documento de *Medellín*

DP – Documento de *Puebla*

DSD – Documento de *Santo Domingo*

DV – *Dei Verbum*

EG – *Evangelium Gaudium*

EM - Decreto *Ecclesia Mater* da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos

FT – *Fratelli Tutti*

GE - *Gaudete et Exsultate*

GS - *Gaudium Et Spes*

LF – *Lumen Fidei*

LG – *Lumen Gentium*

LS – *Laudato Si'*

MC – *Marialis Cultus*

MV - *Misericordiae Vultus*

QA – Querida Amazônia

RM – *Redemptoris Mater*

RVM – *Rosarium Virginis Mariae*

SM – *Signum Magnum*

VD – *Verbum Domini*

Outras siglas:

CELAM – Conferência do Episcopado Latino-Americano

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
 CAPÍTULO I: MARIA NAS SAGRADAS ESCRITURAS E NOS SANTOS PADRES	
10	
1. Prefigurações marianas de Mãe e Mulher no Antigo Testamento.....	10
2. A presença de Maria no Novo Testamento	15
2.1 Maria na Carta aos Gálatas e nos Evangelhos segundo Marcos e Mateus	15
2.2 Maria na literatura lucana: Evangelho e Atos dos Apóstolos	18
2.1 Maria no Evangelho segundo João	24
3. Maria e a sua relação com a Igreja nos Santos Padres	27
 CAPÍTULO II: MARIOLOGIA DO PAPA FRANCISCO: HERANÇA DO VATICANO II.....	
32	
1. Maria no Concílio Vaticano II e as contribuições dos pontificados posteriores	32
1.1 Maria no Capítulo VIII da Lumen Gentium.....	33
1.2 As contribuições dos pontificados de São Paulo VI, São João Paulo II e Bento XVI.....	36
2. A presença de Maria nas conferências do CELAM	39
3. A Mariologia do Papa Francisco.....	43
3.1 Piedade Popular Mariana	44
3.2 Maria, Mãe da Igreja.....	45
3.3 Aspectos marianos da Igreja: Mãe e Mulher.....	47
 CAPÍTULO III: A MARIOLOGIA DO PAPA FRANCISCO NA PERSPECTIVA EVANGELIZADORA-PASTORAL-SOCIAL	
52	
1. O rosto feminino da Evangelização: “estilo mariano”	52
2. Cuidado integral: Rainha de toda Criação e Mãe da Amazônia.	57
3. Somos todos irmãos: mulher ecumênica, uma igreja fraterna-sinodal.	61
 CONCLUSÃO	 67
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 69

INTRODUÇÃO

No decorrer da história da Igreja, percebe-se a profunda participação do papel da Virgem Maria, que devido a sua relação íntima com Jesus Cristo, foi refletida e contemplada na vida eclesial, litúrgica e teológica. Este estudo tem como objetivo, seguindo o caminho realizado pela Igreja, fazer uma breve reflexão sobre Maria de Nazaré como apresentada pelo Papa Francisco em seus discursos e escritos. Sendo necessário para isso, um resgate bíblico, patrístico e magisterial.

O trabalho está composto de três capítulos: no primeiro capítulo, com uma abordagem geral dos escritos bíblicos, percebemos que desde o Antigo Testamento, Maria de Nazaré é delineada por meio de prefigurações e profecias até sua participação no mistério da Encarnação presente no Novo Testamento, para depois ser mais bem refletida pelos Padres da Igreja.

Começamos com a análise do Antigo Testamento evidenciando o papel da mulher que desde a Criação teve papéis exemplares em Israel, com isto vemos que além de uma visão simplista, as Sagradas Escrituras destacam mulheres que são geradoras de vida, libertadoras e que anunciam a ação de Deus diante das opressões do povo. Somado a isso, se destacam a prefiguração da Filha de Sião que personifica o Povo de Deus ao papel feminino e materno diante o seu relacionamento com Deus.

Com o Novo Testamento, o papel de Maria é melhor trabalhado com destaque no seu papel singular na obra da salvação, sendo modelo de discípula missionária que segue o seu Filho em todas as situações da vida, até mesmo o cume da Cruz. Ainda perseverante, continua presente no início missionário da Igreja narrado nos Atos dos Apóstolos, contemplando os três maiores mistérios da vida cristã: Encarnação, Mistério Pascal e Pentecostes. Por causa disto, no decorrer da história, foi-se ganhando destaque a sua participação na vida da Igreja, sendo refletida pelos Padres como a “Nova Eva” e o “Ícone da Igreja”.

No segundo capítulo, tendo como ponto de partida, o evento do Concílio Vaticano II, apresentaremos um estudo sobre a presença de Maria no capítulo oitavo da *Lumen Gentium* e suas reflexões posteriores realizadas pelos papas Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI. A recepção das propostas do Concílio

realizadas pela teologia da América Latina e do Caribe, trouxeram grandes contribuições para a reflexão mariológica da Igreja, tendo como destaque *Puebla* e *Aparecida*, que enfatizam uma abordagem discipular e missionária de Maria e sua ação com aqueles que tem um olhar preferencial de Deus: os pobres.

O final do segundo capítulo, conclui a caminhada eclesial com o pontificado do Papa Francisco, que no decorrer de sua ação apostólica trouxe de modo eloquente para a Mariologia, uma abordagem conciliar e efetiva do papel de Maria no Povo de Deus, ênfase é dada para a piedade popular, a memória litúrgica de “Maria, Mãe da Igreja” e do seu papel materno e feminino.

Por fim, na tentativa metodológica de fazer uma aplicação do pensamento mariano do Papa Francisco para uma proposta evangelizadora, pastoral e social, é feita uma análise dos seus documentos pontifícios, com destaque para *Evangelii Gaudium*, *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*. Nestas reflexões, surgem contribuições de seus outros documentos e propostas, como o Sínodo para a Amazônia e o processo sinodal da Igreja.

Diante dessas considerações, nota-se que o Papa Francisco vai propor uma Mariologia que está intimamente ligada com a Eclesiologia, seguindo uma linha fiel do Concílio Vaticano II, ao mesmo tempo que atualiza o seu mistério para o mundo contemporâneo, trazendo uma imagem viva daquela que foi a discípula missionária por excelência.

CAPÍTULO I

MARIA NAS SAGRADAS ESCRITURAS E NOS SANTOS PADRES

A Revelação de Deus aconteceu de modos diferentes no decorrer da história até a vinda de Jesus Cristo, que “aperfeiçoa e completa a Revelação e a confirma com o testemunho divino que Deus está conosco” (DV 4). Neste processo, sendo Maria de Nazaré intimamente ligada ao seu Filho no mistério da Encarnação, é possível encontrar elementos nas Sagradas Escrituras e na Tradição que nos ajudam na construção teológica do que a Igreja professa sobre a Mãe de Deus. É dentro deste contexto que o capítulo oitavo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II (1962-1965), vai assegurar que:

As Sagradas Letras do Velho e do Novo Testamento, como também a veneranda Tradição, mostram o múnus da Mãe do Salvador na Economia da salvação com sempre maior clareza e a apresentam como digna de nossa consideração (LG 55).

Nenhum outro Concílio da história da Igreja se aprofundará na Mariologia como o Vaticano II, que em sua proposta de *aggiornamento*, trouxe uma renovação serena e tranquila da tradição mariana, concluindo e resumindo o seu conteúdo, retornando para as fontes bíblicas e patrísticas. O Papa Francisco destaca que na leitura bíblica da Virgem Maria, segundo a perspectiva do Concílio, surgirão dois elementos que devem ser refletidos e aprofundados: Maria como Mãe e Mulher¹ (cf. PAPA FRANCISCO, 24 de outubro de 2020).

1.1. Prefigurações marianas de Mãe e Mulher no Antigo Testamento

O Antigo Testamento se destina a preparar e anunciar a vinda do Messias esperado para o Povo de Deus, manifestando o conhecimento do Senhor e do homem em total consonância com o Novo Testamento, ao ponto que o “Novo estivesse latente no Antigo e o Antigo se tornasse claro no Novo” (DV 16). Estes textos antigos, à luz da tradição eclesial, contemplam a figura da Virgem Maria,

¹ Papa Francisco. Discurso aos professores e estudantes da *Pontifícia Faculdade Teológica Marianum* de Roma. 24 de outubro de 2020.

como aquela que é profetizada e delineada em suas prefigurações, ainda que ela não seja mencionada diretamente.

Um dos pontos que auxiliam nesta construção mariana do Antigo Testamento é a retomada da figura teológica da mulher. Sobre isto, o teólogo Joseph Ratzinger com razão afirma:

Toda a piedade mariana, bem como a teologia mariana posterior, apoiam-se fundamentalmente na existência do Antigo Testamento, de uma teologia da mulher profundamente consolidada e imprescindível para a sua construção geral: a figura da mulher na estrutura da fé e da piedade veterotestamentária como um todo, ao contrário de um preconceito largamente difundido, ocupa um lugar insubstituível (RATZINGER, 2013, p. 9-10).

Começando no livro do Gênesis, temos a criação de Eva, a “primeira mulher”. Ela não surge a partir da terra como Adão, mas vem da costela deste, como sinal da relação íntima e única entre a mulher e o homem, que sem a esfera do feminino, se sente só. Apesar da tradição rabínica posterior encontrar neste relato uma interpretação da superioridade do homem², o texto na sua originalidade, vai apresentar a dignidade da mulher sendo parte da Criação, ela é “imagem de Deus” (Gn 1,27) e a Mãe dos Vivos, a geradora da vida.

A mulher não é inferior ao homem, pois tem a mesma dignidade e natureza, sendo “osso de meus ossos e carne de minha carne” (Gn 2,23), o homem é feito para a mulher, como a mulher é feita para o homem. A dinâmica presente nesta relação não é servil, mas recíproca. “Originalmente a mulher não foi criada para ser nem escrava e nem senhora do varão, mas companheira, com mesma natureza e dignidade” (BOFF, 1979, p.88), é somente assim, que o masculino e o feminino “se tornam uma só carne” (Gn 2,24).

Apesar de Adão e Eva terem cedido ao mal, esta condição humana não está presente no projeto divino para a humanidade, pois Deus deseja salvar o ser humano e se torna promessa, anunciando a esperança do triunfo do bem contra o mal. A vitória somente virá quando a descendência da mulher esmagar

² De acordo com o teólogo Leonardo Boff, no livro “O rosto materno de Deus”: “A anterioridade de Adão e a formação a partir da costela de Adão foram interpretadas como superioridade masculina pela teologia rabínica posterior” (BOFF, 1979, p.77). Em outro momento, descreve a visão negativa do feminino a partir de Eva: “personificava Eva com toda a carga pejorativa que se lhe agregava. Um rabino chegou a escrever que devemos dar graças a Deus, todos os dias, por não ter nascido gentio, por não ser mulher e por não pertencer aos ignorantes da Lei” (BOFF, 1979, p.78).

a cabeça do mal, por isso a mulher que é a geradora da vida, se torna inimiga da serpente que é a geradora da morte (cf. LG 55). Assim, o feminino e o materno se tornam o caminho de salvação de Deus para a humanidade ferida.

É na mulher e somente nela que acontece o mistério da vida, que toca profundamente o Ser Divino, o autor de toda Criação. O mistério maternal presente na mulher se torna a revelação do próprio Deus (cf. BOFF, 1979, p.89), que não usa somente de elementos masculinos para se apresentar ao ser humano, mas também se manifesta na mulher. Vemos por exemplo, que Deus é a mãe que consola (Is 66,13), que ergue a criança em seu rosto (Os 11,4) e que não esquece de seus filhos (Is 49,15).

A participação da mulher continua no decorrer da história da salvação. Além da presença dos patriarcas e profetas que guiam a humanidade para a Aliança, temos a força singular e única de personagens femininas, matriarcas e servas humildes. Podemos dizer que a mulher no contexto bíblico vai além de uma visão individual e assume a figura coletiva de povo, como destaca o teólogo brasileiro Leonardo Boff:

O judaísmo antigo, embora centrando no varão permitia contudo uma presença significativa da mulher na vida do povo. Os textos falam da importância política de Miriam, Ester, Judite, Débora, realçam o papel das antigas profetisas e das anti-heroínas Dalila e Jesabel; há descrições de comovedor encanto, o encontro e o diálogo do servo de Abraão com Rebeca, não deixa de marcar profundamente as figuras de Ana, Sara ou Rute (BOFF, 1979, p. 76).

A dinâmica da geração de vida em Eva continua nas matriarcas Sara, Raquel e Ana. Estas mulheres mudam a lógica vigente, uma vez que, de inférteis se tornam fecundas e de idosas se tornam joviais. A grande questão para a época, era a esterilidade considerada uma maldição ou até mesmo castigo de Deus, mas estas mulheres invertem o curso e se tornam abençoadas, fazendo parte do anúncio do mistério da vida que Deus realiza na história da salvação.

Destas mulheres, o destaque vai para Ana, que proclama um canto em forma de oração (1Sm 2,1-10) que depois servirá como base do *Magnificat* de Maria. Na oração de Ana é possível averiguar a dinâmica da graça de Deus, que favorece as mulheres bíblicas e veio para erguer o que estava caído (cf. RATZINGER, 2013, p.14), enxerga-se a mulher não somente com a geradora de

vida, mas também como a anunciadora da esperança, pois Deus não abandona os que sofrem e busca caminhar com a humanidade.

Outra personagem que ganha atenção é Débora, a única juíza das Sagradas Escrituras. Débora é fortemente ligada às questões sociopolíticas da época, sendo sob a sua liderança que Israel lutou contra Sísara no domínio de Canaã (Jz 4,4-10) e todo o povo, com respeito, a escutava. Assim, a mulher assume um papel de força e de liderança.

É isto que acontece de certo modo, progredindo nos relatos bíblicos, com Ester, Judite e Rute, personagens exemplares que têm um encontro pessoal com a opressão que o Povo de Deus sofria e lutam pela justiça. A primeira foi esposa na corte real (Est 2,15-17), a segunda foi uma viúva (Jt 8,1-2) e a terceira uma estrangeira (Rt 1,4). Ambas, num determinado momento da história de Israel, decidem ir contra a opressão e realizam atos significativos. O feminino não assume mais um papel secundário, mas são verdadeiramente mulheres “redentoras, enquanto personificação da esperança de Israel” (RATZINGER, 2013, p.15) e são meios expressivos pelo qual Deus age e comunica.

Na continuação da história da economia da salvação, um outro elemento vai se tornar excelência e ganha destaque para o povo de Israel: o Templo de Jerusalém localizado no monte de Sião. Aqui, a teologia da mulher vai se desdobrar sobre um título, que posteriormente será aplicado como uma prefiguração da Virgem Maria: a Filha de Sião³. De acordo com Pe. Alexandre Mello, a Filha de Sião representa:

Os deportados do Norte, refugiados que se estabelecem em uma região norte de Jerusalém. Trata-se do ‘resto’ que se identifica com os ‘pobres de Javé’, o resto santo que espera a redenção. A Filha de Sião é uma imagem desta raiz que constituirá o Israel definitivo, no qual o Senhor será o centro do seu povo. É portanto, a imagem da Igreja, novo povo que tem o Senhor em seu meio. (MELLO, 2019, p. 19).

A Aliança firmada entre Deus e seu povo deve ser de intimidade e de união profunda, como a de um casal que se ama. O Antigo Testamento está repleto de simbologias que apontam esta prefiguração, o povo é constantemente

³ A expressão Filha de Sião aparece em Mq 1,13;4,10 e retrata o povo que sofre e que tem esperança num novo parto, que Jerusalém, a Filha de Sião, irá gerar (cf. RATZINGER, 2013, p.18).

associado a uma dimensão feminina (cf. RATZINGER, 2013, p.17), como esposa, amada, mãe, noiva, bela, filha e mulher⁴. No entanto, quando o povo se torna infiel ao projeto salvífico de Deus, são referenciados novamente com aspectos femininos negativos como: a prostituta, não amada ou filha infiel⁵. Esta tradição caminha até o Novo Testamento que utiliza a imagem feminina na carta de São Paulo aos Efésios (Ef 5,25).

O Povo de Deus optou seguir por caminhos contrários à Aliança e adoraram outros deuses, por isso é chamado de esposa infiel. Na literatura profética, “quem melhor descreve esta relação é justamente Oséias” (ARAÚJO, 2016, p. 243), que aponta em sua primeira parte (Os 1-10), a promessa de um resgate matrimonial, onde conduzirá a esposa infiel para o verdadeiro esposo, por meio de três estratégias: impedir a ação da esposa com barreiras, tornar público os pecados e seduzi-la novamente. Por meio dessas ações, a esposa é convidada a se tornar novamente virgem e de novo estar próximo de Deus (cf. Os 3,1-4).

O bispo italiano Bruno Forte afirma que Maria como a Virgem “mostra, portanto, a sua condição diante da iniciativa divina, lembrando sobre o fundo veterotestamentário, a sua fé enquanto mulher judia fiel ao pacto entre Deus e a casa de Israel” (FORTE, 1991, p. 159), deste modo, a virgindade da Mãe de Jesus é um sinal da virgindade do povo de Deus, pois é na Filha de Sião que se realiza o que era símbolo e promessa no Antigo Testamento.

Deste o modo, “o caminho de fé do Antigo Testamento foi assumido no seguimento de Jesus e deixa-se transformar por Ele, entrando no olhar próprio do Filho de Deus encarnado” (LF 58), que juntamente com sua mãe, resgatam os símbolos presentes no Antigo Testamento. Nas análises do papel feminino, três aspectos essenciais são destacados – Mãe, Virgem e Mulher – e que também são características encontradas em Maria presente no Novo Testamento.

⁴ Esposa (Os 2,4); amada (Ct 1,9); mãe (Ez 16, 44); noiva (Ct 4,9; Is 49,18; Jr 2,32); bela (Ct 6,10; Sb 8,2); filha (Sl 45,11; Sf 3,14) e mulher (Ct 1,8; Os 3,1).

⁵ Prostituta (Ez 16,35); filha Infiel (Jr 31,22); não amada (Os 2,25).

1.2. A presença de Maria no Novo Testamento

Aquela que foi delineada e prefigurada no Antigo Testamento se torna a Mãe do Senhor, discípula fiel de Cristo e figura significativa da Igreja (LG 55), apesar de aparecer poucas vezes no Novo Testamento, pois estes textos têm Jesus Cristo como mensagem central, Maria teve uma presença significativa nos momentos mais cruciais da vida do seu Filho.

O cardeal franciscano Raniero Cantalamessa afirma que “percebemos que ela não está ausente de nenhum dos três momentos constitutivos do mistério do cristão: Encarnação, Mistério Pascal e o Pentecostes” (CANTALAMESSA, 2019, p.6). Assim sendo, Maria se torna elemento único e singular na obra da salvação, apontando o modelo discipular daqueles que seguem seu Filho.

1.2.1 Maria na Carta aos Gálatas e nos Evangelhos segundo Marcos e Mateus

Cronologicamente, a primeira menção que Maria recebe no Novo Testamento é de ser mulher, quando São Paulo proclama que “quando, porém, chegou à plenitude do tempo, enviou Deus seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei” (Gl 4,4). Apesar do relato ter o seu foco na encarnação de Jesus, já é associado à presença de sua Mãe no projeto de salvação, pois é por meio da mulher que Jesus se reveste do corpo e do sangue da humanidade (cf. Hb 2,14). O biblista Waldecir Gonzaga afirma que:

Paulo não tem dúvida em afirmar que Cristo ‘nasceu de mulher, nasceu sob a lei’, a fim de identificá-lo plenamente com a humanidade. Neste sentido, podemos afirmar que a expressão paulina “nascido de mulher”, aqui em Gl 4,4, ‘muito mais do que uma expressão de preocupação mariológica, trata-se de uma fórmula antropológica e cristológica: o Filho de Deus tornou-se plenamente homem como nós’, indicando ‘vulnerabilidade e fragilidade do humano’ (GONZAGA, 2019, p. 1212).

Somente Cristo é a plenitude dos Tempos. Ele é o centro de todo mistério de Deus. A mulher é associada ao Mistério, pois dela que nasce o Filho de Deus, na condição da humanidade dentro da Lei para redimir aqueles que estavam na condição de pecado. Já encontramos neste trecho, uma “mariologia germinal” (BOFF, 2019, p.36), dado que Maria está intimamente relacionada com seu

Filho, servindo como caminho para Deus e está inserida na plenitude do tempo, no centro escatológico que gera libertação.

Próximo ao pensamento paulino, se encontra o Evangelho segundo São Marcos que apresenta a Mãe de Jesus somente em dois momentos: na apresentação da família escatológica (Mc 3,31-35) e na dúvida do povo sobre Jesus (Mc 6,1-6). Na primeira parte, Jesus vai apresentar a sua família escatológica, onde também participa a sua Mãe, pois ouviu a mensagem e buscou realizar a vontade de Deus. É impossível pensar que neste momento Jesus esteja menosprezando a sua Mãe (cf. KRIEGER, 2019, p.44), isto porque esta passagem em questão busca narrar a formação da família espiritual de Deus, que não será mais ligada por sangue, mas por todos aqueles que desejam aderir ao seu projeto de amor.

Merece atenção uma situação peculiar que acontece antes deste trecho, vai se afirmar que a família de Jesus acredita que ele “enlouqueceu” (Mc 3,20-21), demonstrando que não estavam compreendendo a mensagem e a missão de Jesus. Isto acontece, de acordo com o teólogo Afonso Murad, para surgirem dois grupos em composição: a família, a qual permanece do lado de fora da casa e não compreende; e a multidão, que fica dentro da casa e compreende a mensagem de Jesus. Vemos que a família de Jesus é convidada a superar a instituição familiar, que tinha predominância na época, e que busque se relacionar numa nova dinâmica partida da obediência ao Pai, gerando uma comunidade de discípulos (cf. MURAD, 2012, p.39-40).

No segundo trecho do Evangelho, percebemos que o povo conhece a natureza da família de Jesus, como também a sua simplicidade e por isso, estranham Ele ser o Messias. O que se destaca é a ligação familiar de Jesus com a sua Mãe e não com o seu pai, José, como era comum na época, deste modo, percebemos a estreita ligação existente entre mãe e Filho, já que, Jesus é associado à Maria, ao ponto de ser identificado por ela (cf. KRIEGER, 2019, p.45). É possível concluir que Marcos apresentará Maria como Mãe de Jesus sem trazer grandes aprofundamentos, de tal modo, o que é válido neste Evangelho são os apontamentos sobre a maternidade que identifica o Filho e que todos são chamados a fazer parte da nova família com a participação de Maria.

Em Mateus, a presença de Maria é destacada no que chamamos comumente de “Evangelho da Infância”, um copilado dos relatos da concepção, do nascimento e da juventude de Jesus Cristo. Enquanto Lucas destaca isto com a pessoa de Maria, o evangelista Mateus traz a perspectiva de José. Sobre estes textos o franciscano Frei Jonas Costa afirma que:

Servem tanto como um prólogo para os dois Evangelhos quanto uma catequese cristológica. Enquanto uma catequese cristológica, podemos dizer que essas narrativas são uma verdadeira proclamação pascal de Jesus como Messias, Salvador, Emanuel, Rei e Senhor, ou seja, são escritos que nos falam da natureza messiânica e soteriológica de Jesus à luz da ressurreição. (COSTA, 2021, p. 5).

Como descendente de Abraão e de Davi, Jesus Cristo é membro do Povo de Deus e pertencente da casa real das profecias messiânicas. Nesta história, temos a presença de homens e mulheres, que nem sempre viveram de maneira regular, conforme vemos em sua genealogia (Mt 1,1-17), que se destaca cinco mulheres: Tamar, considerada falsa prostituta; Betsabé, esposa adúltera de Davi; Rahab, prostituta estrangeira; Rute, estrangeira; e por fim, Maria, uma virgem que se torna mãe.

Ao deparar com estas mulheres de situações irregulares, percebemos que quem conduz a história é o próprio Deus. Ele desejou realizar a partir de Maria, um “ponto de inflexão” (BOFF, 2019, p.38) para o surgimento de uma nova humanidade, redimida e plena, gerada conforme o Espírito. Diferentemente da antiga, que surge a partir do varão, agora é no feminino que deriva a nova genealogia.

Na descrição do anúncio, do nascimento e do sonho de São José (Mt 1,18-25), o evangelista busca dar ênfase na virgindade de Maria e na descendência davídica de Jesus, pois ele é o Messias que veio ao mundo por obra do Espírito Santo, é o Deus-Conosco, conforme já profetizava o profeta Isaías (Is 7,14). A condição da virgindade é importante, uma vez que “gerar o Filho, implica a entrega de si mesma na ausência da fecundidade” (RATZINGER, 2013, p.40). Deste modo, Maria ilumina aquilo que já estava presente nas primeiras matriarcas: a esterilidade gera a fecundidade, a maldição gera a benção.

Após o nascimento de Jesus, surgem relatos exclusivos deste Evangelho, como a conhecida Visita dos Magos (Mt 2,1-12) onde é narrada a vinda de homens do Oriente que buscam o “rei dos judeus” (2,2) para adorá-Lo e após seguirem uma estrela, o encontraram com a sua mãe. O destaque deste trecho, afirmará Clodovis Boff, está na construção de um ambiente de realeza e de glória, sendo Jesus Cristo o grande Rei e Maria a rainha-mãe (cf. BOFF, 2019, p.42-43), que na tradição bíblica é considerado um cargo muito importante e que deve ser honrado e preservado⁶.

Todo caminho percorrido por Mateus até aqui, confirma Maria como a inversão de onde deriva a nova humanidade, a virgem-mãe que por obra do Espírito traz o Filho e do mesmo modo, como trono e sede real sustenta e o apresenta ao mundo. Tudo isto, para concluir, na personificação de Maria como Povo de Deus, que como Filha de Sião, precisa se refugiar nas terras do Egito na espera da libertação (Mt 2,13-23). É interessante perceber, que por cinco vezes, o evangelista vai destacar na relação “o menino e a sua mãe”⁷, que juntos são agora o novo povo de Deus, Maria imagem profética da maternidade e Jesus, o novo Moisés, o novo libertador (cf. KRIEGER, 2019, p.46).

1.2.2 Maria na literatura lucana: Evangelho e Atos dos Apóstolos

Somente nos escritos segundo Lucas é que a imagem da Mãe de Jesus será mais realçada, não somente a figura de Maria, mas muitas mulheres ganham destaque em suas obras, tanto no Evangelho como nos Atos dos Apóstolos. A Mãe do Senhor é citada na Anunciação (1,26-38); na Visitação cantando o *Magnificat* (1,39-56); no nascimento de Jesus (2,4-20); na Apresentação ao Templo (2,22-38); na visita ao Templo (2,41-52); na vida pública de Jesus (8,19-21;11,27) e com a Igreja no Pentecostes (At 1,14). Sobre o estudo da pessoa de Maria na literatura lucana, Lina Boff afirma que o evangelista:

Traça a figura de Maria, como sendo uma mulher que toma iniciativas diante das propostas de serviço que lhe são feitas, uma mulher que pensa, que questiona aquilo que lhe é pedido,

⁶ Vemos isto presente quando o Rei Salomão se prostra a Rainha-Mãe (1Rs 2,19), quando se canta a honra da Rainha (Sl 45,10) e quando seus nomes são preservados (1Rs 14,21; 15,2.10).

⁷ Mt 2,11.13.14.20.21

uma mulher que se indispõe com aquilo que não compreende por si mesma e uma mulher que sabe silenciar diante do mistério insondável da Palavra Divina (BOFF, 2019, p. 26).

Começando com o relato da Anunciação, vemos que Lucas, segue o mesmo esquema das demais narrativas de nascimento que são antecipada por um anúncio de Deus aos genitores, como aconteceu com Abraão (Gn 17,19-22), Sansão (Jz 13,1-6) e João Batista (Lc 1,5-25) do qual é feito paralelo com o de Maria.

O que está presente em todas as narrativas é que a iniciativa sempre vem de Deus Pai, autor de toda vocação, pois o Anjo Gabriel é enviado por Deus à uma virgem que se chama Maria. A virgindade novamente é delineada, resgatando o que no Antigo Testamento era símbolo do povo que espera e se gesta diante da revelação de Deus. Neste sentido, a condição de virgem é importante para apontar que, aquele que vai nascer “é puro dom de Deus e não há nele nenhuma ação humana” (BRUSTOLIN, 2017, p.21), somente o sim de Maria.

O anjo a saúda com o “Ave”, uma tradução da palavra grega *Khaire*, que remete a alegria, da qual a Mãe de Jesus é convidada a experimentar por meio do nascimento do Salvador. Este vai instaurar um novo tempo messiânico. Ao substituir o nome da virgem pela expressão “cheia de graça” (*Kecharitomene*), o autor bíblico busca associar à personagem uma função teológica, de agraciada, preparada com a plenitude da graça, que a contempla desde sua existência (cf. BRUSTOLIN, 2017, p.22).

O anúncio da graça, interpela no humano a virtude da coragem, da confiança e da alegria, pois Deus age na condição humana gerando a libertação. O convite a alegria é um resgate bíblico da saudação jubilosa feita aos profetas Zacarias (Zc 2,14-15; 9,9-10), Joel (Jl 2,21.27) e ao profeta Sofonias (Sf 3,14-17), novamente como personificação da Filha de Sião (cf. BOFF, 2019, p.46), do Povo da Aliança que é convidado novamente a se alegrar, pois o “Rei de Israel, está no meio de ti” (Sf 3,15) e não há mais motivo para medo e temor.

Depois do cumprimento do Anjo, vem a atitude de Maria de se perturbar e de ficar intrigada com a saudação. Parece que neste instante, ela busca compreender o mistério ao qual foi apresentada, começa a indagar sobre o sentido desta revelação divina. Clodovis Boff afirmará que neste momento, Maria

“é também a figura do teólogo, em sua busca da inteligência da fé” (BOFF, 2019, p.47). O anjo compreendendo a atitude de Maria, revela que não deve haver temor, pois Ele será Filho do Altíssimo, novamente em cumprimento com a revelação profética, que faz a mesma admoestação a Abraão (Gn 15,1), Isaías (Is 41,10), Jeremias (Jr 30,10) e a Zacarias (Zc 1,13).

Por esta razão, que em seguida ela pergunta: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” (Lc 1,34), apontando que Maria é uma pessoa aberta ao diálogo, atenta e interrogativa. Em Gênesis, temos a revelação que o homem e a mulher são unidos e a concepção humana não pode ser feita somente por um homem ou uma mulher, mas ambos juntos. Compreendemos que Maria apresenta um Deus próximo do ser humano, que convida ao redescobrimento da imagem do Senhor que se “manifesta no seu modo de ser feminino e masculino, como caminho novo a ser feito juntos” (BOFF, 2019, p. 28).

É por meio do Espírito Santo que vai acontecer este mistério, Ele vai cobrir Maria com a sua sombra, fazendo dela a Arca da Aliança e o Templo em qual Deus vai morar, afirma Frei Jonas Costa que:

Desse modo, Deus, que em seu Espírito, desceu sobre o Monte Sinai, sobre a Arca da Aliança e sobre o Templo e, expresso em imagens simbólicas afins, repousa sobre o ventre de Maria, envolvendo-a com a nuvem que é o Espírito Santo, a potência do Deus Altíssimo (COSTA, 2020, p.30).

A sombra nos remete ao Êxodo (Ex 40,34-35) que retrata o anuviamento repousando sobre a Tenda do Encontro revelando a glória do Senhor. A imagem da nuvem é uma teofania muito presente nas Sagradas Escrituras⁸, exatamente para ressaltar a presença de Deus que dirigente dos passos do seu povo. O Espírito Santo somente age com o acolhimento da pessoa e apesar de não ser um evento humano, a encarnação atinge totalmente Maria e a convida a se abrir para aceitar a mensagem do Anjo (cf. COSTA, 2020, p.30). Por isso, no final do relato da Anunciação, ter-se-á o consentimento: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra!” (Lc 1,38); atitude de uma mulher decidida, corajosa, livre e determinada, que deposita sua fé e confiança em Deus (cf.

⁸ Vemos a nuvem sobre o Monte Sinai (Ex 24,12-15); sobre o santuário (Ex 40,36-38); que conduz o povo (Nm 9,15-23); e traz a fala do Senhor (Nm 10,34-36).

BOFF, 2019, p.50). Assim como as matriarcas de Israel assumiram sua dimensão de serviço a Deus, Maria é também colocada na mesma linhagem, levando o serviço à plenitude, servindo a um plano maior, na atuação e no silêncio de seu Filho. Desta forma, o seu *fiat* não é uma simples adesão, mas é uma tomada plena e livre de sua vocação.

Também se ressalta que em todo o relato da Anunciação de Jesus Cristo (Lc 1,26-38), símbolo da graça da nova comunidade, se encontra em paralelo com a Anunciação de João Batista (1,5-25), símbolo da tradição judaica na Lei. Enquanto em uma narrativa o Anjo vai para um templo em Jerusalém visitar um sacerdote idoso com uma esposa estéril, na outra vemos o inverso: o Anjo vai para Galileia, uma terra desconhecida, na casa de um casal jovem e fecundo. Ainda no final, a estrutura de correspondência fica mais evidente quando Zacarias questiona e fica mudo, mas Maria acredita e sai apressadamente para anunciar (cf. BOFF, 2019, p.44). Deste modo, o evangelista já abre a perspectiva da Nova Aliança, representada por Maria, que será fecunda e plenifica à Aliança Antiga, representada por Zacarias.

Depois, com o relato da Visitação, destaca-se três pontos: primeiramente a pressa de Maria, que denota uma “pronta obediência e disponibilidade à vontade de Deus” (KRIEGER, 2019, p.47); em segundo, o encontro de duas mulheres agraciadas pelo dom da vida - uma expressão da evangelização missionária que realiza o plano do Pai; e por último a ação do Espírito Santo que por meio do Messias presente no seio da Virgem, concede júbilo e alegria no diálogo das mulheres.

Este episódio da Visitação “parece modelada sobre a do transporte da arca da aliança para Jerusalém, narrado em 2Sm 6,2-16” (FORTE, 1991, p. 71). Há um forte paralelismo quando encontramos nas narrativas o mesmo local Jerusalém (2Sm 6,2; Lc 1,39), as expressões de alegria (2Sm 6,5.12.14.16; Lc 1,41.44), as aclamações possivelmente litúrgicas (2Sm 6,15; Lc 1,41), as bênçãos (2Sm 6,11; Lc 1,41), a pergunta de temor sobre a presença (2Sm 6,9; Lc 1,43) e o tempo de permanência de três meses (2Sm 6,11; Lc 1,56).

Todo esse paralelismo tem como intuito apontar a realidade teológica de Maria como a Arca da Aliança, como o lugar onde Deus realiza a sua presença. A afirmação colocada na boca de Isabel confirma esta realidade, pois Maria é a “Mãe do Senhor”, mãe do Messias que é o Deus Conosco (cf. BOFF, 2019, p.54).

Isto acontece, pois como verdadeira discípula missionária, Maria acredita na Palavra anunciada e a coloca em prática, como a primeira bem-aventurança deste Evangelho: “Feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido” (Lc 1,45). O relato tem a sua conclusão com um cântico de júbilo, proclamado pela Mãe de Jesus. Para o Frei Jonas Costa:

Quando tomamos o texto do *Magnificat* (Lc 1,46-55) temos a clara percepção que o canto de Maria como um canto de louvor brota de uma vida, ou de vidas, irmanadas no serviço ao projeto de Deus que alcança em Jesus, o Messias, um transbordamento de alegria (COSTA, 2021, p. 34).

Este cântico está fortemente ligado a outros cânticos presentes no Antigo Testamento que também denotam o louvor a Deus por meio de sua ação libertadora com a humanidade. É o que acontece, por exemplo, com o canto de Miriam, irmã de Moisés (Ex 15,20-21), com o cântico de Ana (1Sm 2,1-10) e com os salmos (Sl 32,11;89,11; 98,3;103,11). Miriam canta a libertação do povo do êxodo, Ana clama a libertação da humilhação social e os salmos anunciam a justiça divina, recordando os feitos do passado. Podemos dizer, que Maria vai resgatar, em seu papel de mulher e de mãe, a ação libertadora de Deus e a esperança messiânica que vem do Messias. Por isso, o *Magnificat* é um cântico de vidas, uma vez que toda a humanidade pode ser contemplada neste poema.

Também não se pode excluir a dimensão social deste texto. Em seu livro *Mariologia Social*, o teólogo Clodovis Boff afirma que Maria vê a realidade das contradições sociais e expõe de maneira evidente a verdade que muitos preferem ignorar (cf. BOFF, 2006, p.360). Ao voltar o olhar para a vida das massas pobres e excluídas, ela celebra a chegada da Boa Nova do projeto salvífico do Pai para o povo, por meio de três ações: os humildes são exaltados, os famintos são saciados e Israel é socorrida.

A vida é dinamizada no canto, aqueles que sofrem terão voz, suas necessidades primordiais serão supridas e serão conservados em sua memória os gestos concretos da Aliança, “desta forma a mulher de Nazaré testemunha a sua missão de serva, torna-se como que ‘administradora’ dos mistérios de Deus, porque estes são revelados pelo Espírito” (BOFF, 2019, p.77).

O relato da Visitação encerra o primeiro capítulo do Evangelho, preparando para o segundo capítulo, que terá uma narração dividida em três

cenas: o nascimento de Jesus, a revelação aos pastores e a apresentação ao Templo. Sendo da família de Davi, José e Maria sobem para a cidade de Belém, onde completado o tempo, tem o nascimento de Jesus num lugar simples e sendo colocado numa manjedoura. Maria é a mãe e a mulher ativa do mistério que gera o Filho, sendo associado com a herança do primogênito, como descendente de Davi, o Messias (cf. KRIEGER, 2019, p.47-48). O mistério oculto para os sábios e entendidos, é revelado aos pastores. É para os simples e pequenos que é feito o convite de viver a mesma alegria que Maria vivenciou na Anunciação, e recebendo a mesma estrutura na fala do anjo: "Não temais! Eis que eu vos anuncio uma grande alegria" (Lc 2,10).

Seguindo a narração, temos a cena da Apresentação, que descreve a obediência dos pais de Jesus ao se submeterem ao que é prescrito pela sua condição social, pois oferecem o óbolo dos pobres: um par de rolas⁹. O Espírito Santo novamente se revela por meio de Simeão, quando este anuncia a salvação para toda a humanidade e não somente para Israel, o povo escolhido; como também manifesta a participação de Maria na obra redentora do Filho, com uma espada que transpassa a sua alma, símbolo das "dores que Ela iria suportar não só no afeto materno, mas também na sua fé de discípula fiel" (BOFF, 2006, p.443).

O messianismo e a filiação divina, vão depois ser confirmados pelo próprio Jesus, que ao ser encontrado pelos seus pais no Templo, afirmará: "Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?" (Lc 2,49). Temos uma clássica cena familiar, com pais unidos preocupados e angustiados pelo filho, que após desencontros, são novamente inseridos na unidade familiar e na centralidade no Pai (cf. BOFF, 2006, p.444). Apesar de não compreenderem bem a mensagem, o evangelista revela três vezes, que Maria conservava esta lembrança em seu coração (2,19.49.51), sinal da discípula que busca o sentido das situações existenciais e reverbera na expectativa messiânica.

Em continuidade do seu Evangelho, Lucas narra nos Atos dos Apóstolos, a presença de Maria, juntamente com outras mulheres, na comunidade primitiva com os onze apóstolos. Neste trecho, de acordo com Lina Boff:

⁹ O óbolo dos pobres é especificado no livro de Levítico: "Se ela não tiver possibilidade de conseguir a soma necessária para um cordeiro, tomará duas rolas ou dois pombinhos, um para o holocausto e o outro para o sacrifício do pecado" (Lv 12,8).

Maria tem que estar presente no dia de Pentecostes e explica-se o porquê: em primeiro lugar, para confirmar sua experiência do Espírito vivida já na encarnação; em segundo lugar, para receber do mesmo Espírito a missão de estender o Corpo de Jesus que se faz comunidade de forma mais ampla; e, em terceiro lugar, para anunciar um Deus encarnado que começa um novo jeito de se relacionar e se revelar à humanidade até o fim dos tempos pelo impulso do Espírito (BOFF, 2020, p. 17).

É descrito que todos viviam unânimes e perseverantes na oração em comum e que depois todos foram agraciados pela presença do Espírito Santo que desce em forma de língua de fogo no dia de Pentecostes. Em relação íntima com este Espírito, Maria é tomada tanto na encarnação do Verbo, quanto na constituição do Corpo místico de Cristo, assumindo seu papel materno com a Igreja e de ser a mulher que serve de caminho para o Senhor, pois “o feminino descobre-se habitado por Deus, pelo Espírito Santo” (BOFF, 2009, p.51).

1.2.1 Maria no Evangelho segundo João

Na literatura joanina, a Mãe de Jesus aparecerá em dois momentos: nas bodas de Caná (Jo 2,1-12) e junto da Cruz (Jo 19,25-27). Ambas as aparições têm uma profunda relação de correspondência (cf. SERRA, 1979, p.125), visto que a Mãe do Senhor não recebe nome próprio, resgatando seu contexto teológico do Quarto Evangelho, como também, há a titulação de Jesus para “Mulher” (2,4;19,26). Somado a isso, temos o acontecimento do sexto dia (2,1;19,31) e a menção da “hora” (2,4;19,27) que nas Bodas ainda não tinha chegado, mas que se conclui plenamente no relato da Cruz. Pode-se dizer, seguindo o pensamento de Serra, que o evangelista João é o que melhor trabalha as dimensões marianas de Mãe e Mulher:

Sendo ‘mãe de Jesus’, Maria contrai vínculos com todo o povo de Deus de ambos os Testamentos. Ela é a mulher que compendia em si o antigo Israel. A mesma fé do povo eleito do Sinai (‘faremos tudo o que o Senhor disse’) é agora a fé de Maria (‘fazei tudo o que ele vos disser’). Portanto, é uma fé que se faz dom, porque a união materna de Maria com Jesus se torna solicitude em comunicá-lo aos outros. (SERRA, 1979, p. 125).

Em seu prólogo (1,1-18) o autor bíblico afirma que o Verbo se encarnou para que aqueles que creem em seu nome “se tornassem filhos de Deus” (1,12).

Deste modo, sendo filhos do Pai por meio de Jesus Cristo, também nos tornamos filhos da mesma Mãe. Por esta razão, o tema da filiação e o título de Mãe do Senhor é constante neste Evangelho (cf. ARAUJO, 2016, p.233). Ao não citar o seu nome e a titular como “mulher” nos lábios de Jesus Cristo, o evangelista busca estabelecer uma relação com a primeira mulher, Eva, esposa de Adão e a mãe geradora, deste modo, é possível chamar a Mãe de Jesus como a Nova Eva (cf. BOFF, 2019, p.71).

Nas Bodas de Caná, episódio considerado o início de todos os sinais, ocorre o desvelamento de todo o messianismo de Jesus Cristo. Esta festa nupcial que retoma a Antiga Aliança serve de cenário para este momento. O povo que outrora tinha firmado um contrato com o Senhor, rompe com suas atitudes, que no contexto bíblico é representado no vinho que acabou. A Mãe do Senhor, em seu papel de “mediadora do Mediador” (BOFF, 2019, p.73), ao dizer “fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5), assume uma dimensão bilateral: intercede ao Filho pela humanidade e, ao mesmo tempo, orienta o povo a serem fiéis em cumprir as recomendações do Senhor.

Nesta perícope, se evidencia “de um lado, a identificação Maria-Israel, em virtude da qual ressoa nela a esperança do povo eleito, do outro a fé da mãe, que se mostra disponível ao sinal inaudito que o Filho quiser fazer” (FORTE, 1991, p.88). Este povo é chamado a experimentar a Aliança plena e perfeita que é instaurada por Jesus Cristo, com o símbolo do vinho novo que nas mãos do mestre-sala, ou seja, do sacerdote. Importante ressaltar, que a atitude discipular da Mãe do Senhor, faz dela uma verdadeira testemunha, um elemento fundamental para o Quarto Evangelho. Assim, ela entra no mesmo quadro teológico que João Batista e da Samaritana, estes “são exemplos daqueles que se tornam ‘filhos de Deus’” (ARAUJO, 2018, p. 564) e que se diferenciam de certos personagens que tem a “fé parcial” como Nicodemos ou os judeus.

Em consonância, temos o relato da cruz, onde o seu “foco recai sobre as figuras da Mãe de Jesus e do Discípulo Amado” (ARAUJO, 2019, p.92). É o relato que melhor descreve a relação da Mãe do Senhor com a Igreja, pois na boca do próprio Jesus, ela é chamada a se tornar Mãe do discípulo amado e juntamente dele toda a comunidade de fiéis. Sobre isto, o teólogo Hans Urs Von Balthasar (1905-1988) vai apontar a dupla realidade de “Mãe-Igreja” e “Mãe da Igreja”:

Maria, a 'Mãe-Igreja', e, ao mesmo tempo, a 'Mãe da Igreja' – ela pode ser as duas coisas, uma vez que, aos pés da cruz, junto ao discípulo amado, tornou-se a imagem e a célula originais da comunidade fundada pelo Crucificado, ao mesmo tempo recebeu o apóstolo e, nele, todos os cristãos como filhos. (BALTHASAR, 2016, p. 11).

Unir-se à cruz é estar próximo das dores da vida, tomar a atitude de discípulo que não vacila diante das dificuldades da caminhada e permanece de pé, em atitude de força e determinação. Algo comum no Evangelho é o olhar de Jesus à humanidade (cf. BOFF, 2015, p.80), um olhar profundo que contempla todo o ser. Ele vê sua mãe e ao seu lado o discípulo amado, então os convida a comungarem de uma nova relação maternal, da qual “deve ganhar definitivamente as características de uma relação mãe-filho, na qual os dois devem ter a postura de “verem” e “amarem” um ao outro (cf. GRENZER, 2017, p.473).

Ambos não são nomeados, para se abrirem ao nível tipológico-teológico: a Mãe de Jesus como a Mãe da humanidade, a figura-tipo da Igreja, e o discípulo amado, como todo discípulo que testemunha Jesus em sua vida. Ele se dirige primeiramente à Mãe e da “cátedra da cruz, revela e constitui ao mesmo tempo, sua Mãe como Mãe dos discípulos” (BOFF, 2019, p.81). Ao tomar para junto de si, os discípulos são convidados a trazê-la em sua casa espiritual, ou seja, seu coração e sua fé.

Somente ao ter-se como base toda a construção joanina de Maria associada à figura do Povo de Deus, por meio da imagem da Mãe e da Mulher, é que podemos inseri-la secundariamente no relato da Mulher no céu, presente no livro de Apocalipse (Ap 12). Isto porque este trecho retrata de modo direto e primeiramente a figura da Igreja, que aparece em sua glória escatológica no céu (cf. MURAD, 2012, p.108), ao mesmo tempo, que sofre com as dores kenóticas do parto e com a perseguição do dragão no deserto que espera o nascimento do filho varão. Maria encarna o mesmo caminho da Igreja: marcada pelas dores e pelas vitórias, mas fincada na esperança, que é uma pessoa, Jesus Cristo.

1.2. Maria e a sua relação com a Igreja nos Santos Padres

Inspirada pelo Espírito Santo a Tradição apostólica por meio dos Santos Padres trouxe preciosos tesouros para a espiritualidade cristã (cf. DV 8). A Virgem Maria estando unida intimamente com seu Filho Jesus Cristo, de onde deriva toda a Revelação, também foi refletida na Tradição e de modo singular foi associada com a Igreja, conforme já aponta o Concílio Vaticano II.

Santo Inácio de Antioquia, considerado “o primeiro a inserir a doutrina mariológica no patrimônio da Igreja” (CORBELLINI, 2018, p.19), afirmou que Jesus Cristo verdadeiramente nasceu, viveu e morreu, por meio do nascimento virginal em Maria. A virgindade é o sinal profundo por meio do qual o Filho do Homem veio ao mundo e por isso é um grande mistério do silêncio de Deus.

Esta abordagem da virgindade, ganha novos contornos, com Justino de Roma e com Santo Irineu de Lião, que traçam o paralelismo Maria/Eva em contraposição de Cristo/Adão (1Cor 15,45). Deste modo, se com Eva o mundo caiu, por meio de Maria, Jesus salva o que estava caído. Ambas são responsáveis pela história, Eva traz a morte e Maria traz a Vida:

Uma deixou-se seduzir de modo a desobedecer a Deus, a outra deixou-se persuadir a obedecer a Deus, para que, da virgem Eva, a Virgem Maria se tornasse advogada. O gênero humano que fora submetido à morte por uma virgem, foi libertado dela por uma virgem; a desobediência de uma virgem foi contrabalançada pela obediência de uma virgem, mais o pecado o do primeiro homem foi curado pela correção de conduta do Primogênito e a prudência da serpente foi vencida pela simplicidade da pomba: por tudo isso foram quebrados os vínculos que nos sujeitavam a morte (IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 569).

Justino é quem desenvolve por primeiro a reflexão de Jesus e Adão com referência a Maria, mas é Santo Irineu de Lião que trabalha com propriedade trazendo os pressupostos da obediência e da virgindade. Para afirmar a condição virginal de Maria, o bispo grego vai utilizar da profecia de Isaías (Is 7,14) apontando a virgindade que se torna colaboração da salvação. Sendo Maria uma virgem, se torna sinal da encarnação de Deus, que é uma encarnação redentora (cf. PIACENTE, 2018, p.199), pois ao se encarnar, Jesus recebe de sua mãe a corporeidade necessária. Em caso contrário, “ele não se fez nem homem, nem Filho do homem” (IRENEU DE LIÃO, 1995, p. 350).

Este paralelismo de Maria e Eva também tem como prisma a obediência, pois Maria foi obediente, diferentemente da primeira mulher Eva e por isso, pode-se aplicar a Maria o título de segunda Eva e de causa da salvação. Aqui surge a ideia de recirculação ou recapitulação, tendo como base a carta paulina escrita aos Efésios (Ef 1,9), onde tudo é recapitulado por Cristo que retorna para devolver ao princípio todas as coisas e as levarem em plenitude (cf. CORBELLINI, 2018, p.26).

O caminho de Eva até Maria foi um processo de morte e de pecado, mas o caminho de Maria até Eva foi um processo de amor e salvação. Como Adão foi recapitulado em Cristo, Eva foi recapitulada em Maria, que desatou o nó da desobediência com sua obediência. Os nós são todos os pecados e as mortes que procedem de Eva que depois são na recirculação resgatados por Maria, ao trazer uma nova geração.

De acordo com o professor Pedro K. Iwashita, é neste contexto que o paralelismo Maria/Eva vai de encontro com a relação Maria e a Igreja:

Nos primeiros séculos do cristianismo insistiu-se na identidade entre Maria e Igreja. A Igreja primitiva via a Igreja em Maria e Maria na Igreja. O seu grande amor pelo mistério da Igreja-Mãe, só se compreende a partir do grande amor que havia pela mãe terrestre do Salvador. Com efeito, na Igreja primitiva, conhecia-se mais claramente e com mais entusiasmo o mistério segundo o qual a palavra de Deus, ao apresentar os traços de Maria Virgem-Mãe, no-la apresentava como a “figura e recapitulação” da Igreja-Mãe (IWASHITA, 2016, p. 187).

Portanto, entre Maria e a Igreja existe uma certa identidade, a qual também se encontra com a identidade do Cristo, formando uma profunda intimidade em ambos. Devido à sua maternidade e missão estarem profundamente relacionadas com a do seu Filho, pode-se afirmar que existe uma profunda ligação entre Maria com a Igreja de Cristo, que em sua natureza também é virgem e Mãe.

Outro Santo Padre que se destaca é o bispo Santo Ambrósio de Milão. Ele que foi o primeiro ocidental a associar Maria com a Igreja e que retomou a ligação de mãe e de virgem, acrescentando um terceiro aspecto: o de ser esposa. Maria e a Igreja são unidas, pois como Maria que foi corajosa e fiel aos pés da cruz, a Igreja também sofre e permanece de pé (cf. CORBELLINI, 2018, p.35). Os fiéis da Igreja recebem em suas almas o Verbo de Deus, mas precisam

ser como Maria, totalmente imaculados: “cada alma, na verdade recebe em si o Verbo de Deus, contanto que, imaculada e imune de culpas, saiba guardar a castidade com coragem” (AMBRÓSIO DE MILÃO apud KRIEGER, 2019, p.65).

É a sua proximidade e a sua participação no mistério da redenção de Cristo que a faz assumir uma atitude de humildade e de disponibilidade com a humanidade. Ao estar ciente da ação de Deus em sua vida, ela apressadamente corre ao serviço de sua prima Isabel, provando a sua caridade e fidelidade no anúncio recebido. Aquele que é manso e humilde só poderia vir de uma modelo de humildade, de uma pessoa que era virgem de corpo e de alma (cf. CORBELLINI, 2018, p.36).

A virgindade da Mãe de Jesus como obra do Espírito Santo a fez ser santificada e purificada, se aproximando da realidade da piscina batismal, o útero da Igreja que gera novos fiéis. É por isso que surge posteriormente o princípio que “Maria significa Igreja”, e estão unidas pelo Espírito Santo, para Frei Jonas Costa:

Assim como Maria acolhe o Messias, a Igreja o acolhe: ambas em ‘útero virginal’. Podemos dizer que existe uma continuidade misteriosa entre o evento da encarnação e o nascimento da Igreja: a pessoa que une os dois eventos é Maria e, em ambos, os casos, sua presença indica o nascimento pelo Espírito. (COSTA, 2020, p. 44).

O sacramento do batismo começa a se tornar um paradigma para a salvação de Jesus Cristo que se funde numa nova aliança, por meio da Igreja, que assume o papel de Mãe, gerando um novo Povo de Deus por obra do Espírito Santo (cf. COSTA, 2020, p.44). Este pensamento vai de encontro com o relato de Pentecostes, onde a Igreja se reúne com Mãe do Senhor no Cenáculo e faz dela um membro santo e superior. Por isso, pode-se dizer que Maria dá à luz a Jesus e a Igreja dá à luz aos fiéis com os sacramentos. Assim, Santo Ambrósio conclui que a Mãe de Deus é tipo de Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo (cf. KRIEGER, 2019, p.65).

Por fim, temos a figura de Santo Agostinho, considerado o maior dos Padres da Igreja latina. Seu pensamento mariológico, pode-se ser dividir em três pontos essenciais: “Maria no mistério de Cristo, a figura teológica de Maria e a sua relação com a Igreja” (KRIEGER, 2019, p.66).

No primeiro ponto, temos uma visão antropológica do pecado, pois todos estão infectados do pecado de origem, já que viemos ao mundo numa relação carnal entre o homem e a mulher. Tal situação não se aplica a Jesus Cristo, pois este veio de modo sobrenatural, mediante a fé e a caridade, com a intervenção do Espírito Santo (cf. KRIEGER, 2019, p.67). Agostinho busca afirmar que a virgindade de Maria acontece: na concepção, no parto, quando engravidou e na gravidez. Esta virgindade, também está presente na Igreja, como vemos, descrito num trecho do Sermão 213:

A Igreja é virgem e mãe. Imita ela a Maria, que deu à luz o Senhor. Acaso, Santa Maria não deu à luz, sendo virgem, e assim permaneceu? Do mesmo modo, a Igreja dá à luz e permanece virgem. E se consideras bem, ela dá à luz Cristo, visto que os batizados são seus membros. Disse o Apóstolo ‘vós sois o corpo de Cristo e seus membros’. Logo, se ela dá à luz os membros de Cristo, a sua semelhança com Maria é muito grande. (SANTO AGOSTINHO, 2019, p.109).

Ao nascer de mulher, Jesus Cristo recebeu a humanidade, sem perder a sua divindade. Há em Cristo duas gerações, uma pela sua humanidade com a presença materna e uma geração divina sem a presença da mãe. O segundo ponto do pensamento agostiniano é a figura teológica de Maria, que recebe o título de “toda santa”, com dois aspectos: o primeiro com a exclusão de todo pecado por causa da sua maternidade divina e o segundo é o acúmulo de virtudes, principalmente a fé, caridade, humildade e a obediência (cf. KRIEGER, 2019, p.67).

Estes dois pontos, levam para o terceiro que é a relação de Maria com a Igreja, Agostinho aponta que a Igreja é superior à Virgem Maria, pois ela é parte integrante da comunidade eclesial. É claro para o bispo, que Maria é Mãe da Igreja, pois sendo a Igreja o Corpo de Cristo, ela é mãe da cabeça e dos membros e pelo seu exemplo de virtude, se torna também “modelo para o fulgor das virtudes e para o dom de ser corporalmente aquilo que a Igreja deve ser espiritualmente” (CORBELLINI, 2018, p.43).

É importante ainda destacar que além dos aspectos positivos ligadas à Virgem Maria pelos Santos Padres houveram algumas divergências, como por parte de Tertuliano e Orígenes. Estes afirmam que “o parto da Mãe de Jesus foi natural e não miraculoso” (BOFF, 2010, p.26), ou seja, negam que Maria foi virgem durante o parto. Ainda, Clodovis Boff lembrar que a questão da virgindade

perpétua sempre foi motivo de controvérsias. Os ebionitas e gnósticos, por exemplo, negam a virgindade antes do parto. Como também Helvídio, o bispo Bonoso e Eunômio negam a virgindade pós-parto (cf. BOFF, 2010, p.25-26).

Diante dos dados apresentados, conclui-se que todo o caminho percorrido pelos Santos Padres na relação entre Maria e a Igreja, foi refletida sobre diversos prismas, ganhando esferas diferentes no decorrer dos tempos. Começando pelo paralelismo Maria/Eva, os Padres vão associando Maria com a realidade eclesial, tendo como primícia a relação de semelhança e que no decorrer do pensamento, aquilo que era semelhança, se torna a própria natureza. Com isso, Maria agora é tipo, arquétipo e ícone da Igreja.

CAPÍTULO II

MARIOLOGIA DO PAPA FRANCISCO: HERANÇA DO VATICANO II

Para entender a Mariologia que o Papa Francisco apresenta em seu pontificado é necessário compreender todo o caminho que a Igreja realizou na compreensão teológica da Mãe de Deus. O Concílio Vaticano II será o indicador do percurso percorrido, porque resgata todo depósito bíblico-dogmático da pessoa da Virgem Maria e vai apontar as novas linhas que devem ser seguidas pela Teologia, tendo em vista a problematização do passado e os novos desafios surgidos da contemporaneidade. De acordo com o professor Ney de Souza:

Sem pretender resolver todos os problemas ou acabar com as muitas tendências eclesiológicas, o concílio respondeu de forma magistral aos apelos presentes no coração das pessoas. A Igreja saía das catacumbas às quais haviam sido submetida. Por motivos inerentes aos séculos precedentes e envergando o peso do passado, ela saiu profundamente transformada com os lampejos surpreendentes na voz do pontífice, sob a intuição do Papa João XXIII, não só atendendo às aspirações da Igreja, como se voltando amorosamente ao mundo (SOUZA, 2013, p.90).

Como o primeiro papa latino-americano, a recepção do Concílio realizado na América Latina se torna um elemento fundamental na estrutura do seu pensamento, no qual, a presença da Virgem Maria se destaca nas Conferências do CELAM. Destas, merece atenção a Conferência de Aparecida, pelo qual o Papa Francisco “está profundamente marcado” (MELLO, 2017, p.56) e da qual se tornou peça-chave do seu agir e pensar.

2.1. Maria no Concílio Vaticano II e as contribuições dos pontificados posteriores

O Concílio Vaticano II em seu contexto, foi um ponto de partida para a renovação teológica, um acontecimento paradigmático para a Igreja, como uma “bússola” que indica o futuro de sua ação (cf. MASSIMO, 2013, p. 170). Para o campo mariológico, o Concílio trouxe luzes para a compreensão do papel da Virgem Maria, como também a sua relação com a Igreja em um necessário e saudável retorno às fontes da Revelação, ao pensamento dogmático e ao culto

mariano na Liturgia. Somado ao movimento conciliar, a contribuição dos pontificados de São Paulo VI, São João Paulo II e Bento XVI, ajudaram no melhor ordenamento da Mariologia seguindo os dados bíblicos e patrísticos.

2.1.1 Maria no Capítulo VIII da *Lumen Gentium*

Antes do Concílio, existia uma grande expectativa mariana, devido às devoções populares, as proclamações dos dogmas da Imaculada Conceição (1854) e da Assunção (1950), e devido também à publicação de grandes tratados destacando as glórias e os privilégios da Mãe de Jesus. Porém, o movimento mariano reformador começava a ver com outros olhos a pessoa de Maria e a tradição protestante também apontava as possíveis consequências da visão maximalista que afastava do originário evangélico (cf. LIBÂNIO, 2005, p.142). Todas estas discussões, tornaram-se perspectivas nos debates dos padres conciliares, visto que era clara a necessidade de uma nova orientação para à Mariologia.

Historicamente, afirma Clodovis Boff, houveram grandes discussões sobre a doutrina da Virgem Maria no Concílio Vaticano II. A dúvida era se “devia constituir um documento à parte ou se devia ser integrado no esquema sobre a Igreja” (BOFF, 2019, p.89). Apesar de uma pequena margem de diferença na escolha do documento integrado, a sua votação final teve aprovação quase unânime, com apenas dez negativos e um nulo.

No fundo, as discussões se pautaram nas perspectivas mariológicas no enfoque cristológico e eclesiológico, que já aparecem de modo sintetizado e solene no título do capítulo oitavo do documento *Lumen Gentium*: “Maria no mistério de Cristo e da Igreja”. Nesta linha de pensamento, o verbete “Concílio Vaticano II” do Dicionário de Mariologia, constata que:

O Concílio tenciona explanar e expõe com clareza as finalidades que propõe atingir com o capítulo inteiro: esclarecer atentamente a missão de Maria no mistério do Verbo encarnado e redentor e da sua Igreja, sacramento de salvação, e indicar os deveres da Igreja para com Maria, sem ter em mente esgotar, com isso, toda a doutrina mariana nem dirimir questões doutrinárias ainda discutidas entre os teólogos. (DE FIORES; MEO, 1995, p.299).

Segundo o documento conciliar, a razão da veneração à Virgem Maria deriva da sua maternidade, da qual vem o Filho de Deus, Jesus Cristo, por obra do Espírito Santo. Sendo este Filho descendente de Adão, Maria associa-se de modo sublime à humanidade e se torna “verdadeiramente mãe dos membros de Cristo” (LG 53), assumindo uma condição singular como membro e modelo para a Igreja. O concílio admoesta, em seu início, que não quer e não deseja esgotar a reflexão mariana, mas somente apresentar um novo horizonte (cf. LG 54).

Nos parágrafos iniciais do capítulo oitavo é feita uma averiguação da figura de Maria na história da Salvação, presente no Antigo Testamento e no Novo Testamento (cf. LG 54-59), sugerindo que a forma hermenêutica pela qual deve ser lido estes textos sagrados deve estar em consonância com a Igreja e à luz da Revelação posterior e plena (cf. BOFF, 2019, p.97). É importante destacar, que toda a participação de Maria nas Sagradas Escrituras ocorre devido a sua associação íntima com seu Filho, estando presente em todos os momentos de sua vida: no infante-adolescente, em sua vida pública e nas primeiras comunidades.

O que é atestado nos textos bíblicos sobre a participação de Maria não ofusca ou diminui a mediação única de Cristo, mas afirma sua eficácia, pois ao ser Mãe, torna-se sua cooperadora, fundando-se na mediação de Cristo e dependendo dela inteiramente (cf. LOPES, 2011, p. 157). Deste modo, entendemos que o lugar de Maria no mistério da Igreja é ser a mediadora participada da única mediação de Cristo, que nunca a substitui: “quando o documento afirma que a Igreja invoca Maria como medianeira, apressa-se em acrescentar que esse título nem acrescenta nada à dignidade e eficácia de Cristo” (COYLE, 2015, p.52). Assim, podemos afirmar que na missão de Maria o seu caráter sempre será cristocêntrico.

Nos parágrafos 63 a 65, temos com maior ênfase a relação entre Maria e Igreja, resgatando um conceito mariano dos Santos Padres de “Tipo-Igreja”¹⁰. Como a Mãe do Senhor, a Igreja também é Virgem e Mãe. Nela já atingiu-se toda a perfeição. Apesar deste paralelismo, o Concílio inova, com o ato do Papa

¹⁰ A expressão “tipo” tem uma dupla significação: primeiro tem valor dogmático, no sentido de definição (do que é) e em segundo lugar tem valor ético, evidenciando o que deve ser. Os sinônimos “figura”, “imagem”, “ícone” e “exemplo” estão em consonância com este princípio (cf. BOFF, 2019, p.114).

São Paulo VI que proclamou “Maria, Mãe da Igreja”. O professor Iwashita afirma que:

Uma vez que o título Mãe da Igreja, enquanto afirmação de transcendência de Maria com respeito à Igreja, já aparece no século II, fatos esses que vêm significar que o mistério de Maria é mistério complexo, não abarcando suficientemente pelas polarizações cristológicas ou eclesiais, assinalando-nos assim o caminho futuro da mariologia. (IWASHITA, 2013, p.142-143).

Após trazer, nos estudos e nas pregações marianas (LG 66-67) algumas questões pastorais do culto à Virgem Maria na dinâmica cristocêntrica, o Concílio volta o olhar para o sinal escatológico de Maria, que se torna esperança e conforto para o Povo de Deus, pois evidencia que sendo imagem escatológica, a Igreja contempla aquilo que anseia e espera ser. Ao analisar esta dimensão, o documento como um todo, faz uma profunda análise dos quatro dogmas marianos proclamados.

Os dois primeiros dogmas, Mãe de Deus e Virgem Perpétua, apontam para a realidade de Jesus Cristo em sua condição divina e humana, e consequentemente enquadram Maria e a Igreja na dogmática cristológica, pois devido a isto, elas são Virgem e Mãe. Os dois dogmas posteriores, Imaculada Conceição e Assunção aos Céus, são lidos no enfoque antropológico, respondendo à origem e ao destino final da humanidade. Assim, ao ser concebida sem pecado, Maria realça a origem que deveríamos ter. Ao ser assumida aos céus, revela o que devemos ser: assumidos e glorificados (cf. FELLER, 2021, p.85-86).

Desta maneira, é perceptível que o capítulo oitavo da *Lumen Gentium* busca renovar a compreensão, assumindo as duas correntes e iniciando um modo novo de apresentar o mistério de Maria em Cristo e na Igreja. A Virgem Maria se torna um ideal a ser perseguido pela Igreja, pois já é assumida em corpo e alma no céu naquilo que a Igreja será amanhã (cf. LOPES, 2011, p.21). Ela não substitui o mistério cristão, mas é um ícone que reúne e reverbera os mais altos dados da fé (cf. LG 65) e que por sua maternidade espiritual, exerce um influxo na Igreja, sendo ela Igreja-Mãe e Mãe da Igreja.

2.1.2 As contribuições dos pontificados de São Paulo VI, São João Paulo II e Bento XVI

Em continuidade com o Concílio, o Papa Paulo VI aprofundou as orientações conciliares, dando ênfase a dois pontos: o título teológico de Maria, Mãe da Igreja e o melhor ordenamento da devoção e do culto mariano no processo pastoral. Sobre o título de Mãe da Igreja, é importante destacar que não é uma devoção pessoal ou um ato de piedade que influenciou o Papa, mas foi uma proclamação de alcance teológico e doutrinal, que estancou as duas tendências pré-conciliares (cf. IWASHITA, 2013, p.142). Ela foi pronunciada no discurso de encerramento da terceira sessão do Concílio Vaticano II:

Portanto, para glória da Virgem e para nosso conforto, proclamamos Maria Santíssima Mãe da Igreja, isto é, de todo o Povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores, que lhe chamam Mãe amorosíssima; e queremos que com este título suavíssimo seja a Virgem doravante honrada e invocada por todo o povo cristão. Trata-se, veneráveis Irmãos, de um título que não é novo para a piedade dos cristãos; porque antes é justamente com este nome de Mãe, de preferência a qualquer outro, que os fiéis e a Igreja toda costumam dirigir-se a Maria. (PAPA PAULO VI, 21 de novembro de 1964).

Assim, este título evoca teologicamente a participação de Maria na missão do Filho. Ela assume a maternidade eclesial e intercede pelos seus filhos, se constituindo como advogada e amparo (SM 2). Do mesmo modo se torna mestra e educadora da fé, pois em seu exemplo de santidade e na vivência de suas virtudes, vai atraindo “de maneira irresistível os ânimos para a imitação do divino modelo, Jesus Cristo, de quem ela é fiel imagem” (SM 3). É dentro da linha eclesiológica e cristológica que Maria pode ser proclamada Mãe da Igreja, superando os debates que surgem antes e durante o Concílio.

Outra contribuição fundamental de Paulo VI, foi a Exortação Apostólica *Marialis Cultus* (1974) que apresenta a ordenação e desenvolvimento do culto mariano, tendo três pontos: o culto na Liturgia, a renovação da piedade mariana e as práticas destas piedades. Com esta exortação, houve um resgate da humanidade de Maria como profetisa. Isto evidencia as questões femininas que mais interpelam a sociedade e a Igreja (cf. BOFF, 2022, p.53-54), ao mesmo tempo que abre espaço para o campo litúrgico, bíblico, ecumênico e antropológico, pois a Igreja se reconhecerá em Maria, como pobres de Deus. É

por isso que Clodovis Boff, alega que este documento é a inauguração do Magistério da Mariologia Social, já que nele se reconhece que Maria é a mulher profética e libertadora, aquela que anuncia o Deus vingador dos oprimidos (cf. BOFF, 2006, p.64).

A Exortação Apostólica caminha pelo culto mariano na liturgia, afirmando que a Igreja deve assumir uma atitude de fé e amor com a Virgem (MC 23) e pede uma renovação da piedade mariana destacando as notas trinitárias, cristológicas e eclesiológicas de tais práticas. Em suma, vemos um Papa preocupado em embrenhar-se nas orientações do Concílio de ressaltar o valor teológico e pastoral do culto à Maria, “que constrói o Reino e renova os costumes cristãos, sobretudo a humanidade” (BOFF, 2019, p.128). Este documento se torna importante para a história, pois apresenta uma mariologia contemporânea que revitaliza a teologia após o Concílio que vivia um “longo silêncio mariano” (COYLE, 2015, p.54).

Depois, o próximo papa que contribuiu na mariologia foi São João Paulo II (1920-2005), marcado na história como um dos pontificados mais longos. Em sua trajetória, ele trouxe diversas contribuições para o campo mariano. Dentre elas, se destacam: a Carta Encíclica *Redemptoris Mater* (1987), a inclusão dos mistérios luminosos no Rosário com a Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (2002) e algumas reflexões sobre a Mariologia Social presentes em seus documentos e homilias.

A Maternidade do Redentor comprova a ligação íntima da Igreja com a Mãe de Deus, que no mistério salvífico de todos os tempos, a venera como Mãe Espiritual e Advogada (RM 47). O Papa, em continuidade de Paulo VI e do Concílio, indica que a maternidade eclesial de Maria deve se situar numa perspectiva orgânica e antropológica, evitando toda perspectiva fragmentada.

A missão de Maria e a da Igreja é a mesma, conforme fundamentada nos aspectos bíblicos e patrísticos. Por isso, a maternidade “na ordem sobrenatural da graça, gera o Cristo em cada cristão, levando as nações à unidade, intercedendo na glória celeste por todos os peregrinos discípulos do Redentor” (MENDONÇA, 2021, p.18). Assim, Maria presente no mistério de Cristo, por meio da graça de Deus, se torna também Mãe da Igreja, intercedendo pelo Povo de Deus. Apesar do papa polonês neste documento destacar o papel da mulher que é capaz do dom de si mesmo, ele segue uma linha mais doutrinária e não aponta

o papel transformador da mulher como aparece com mais ênfase na *Marialis Cultus* (cf. COYLE, 2015, p.62).

Em segundo lugar, com o olhar de Bom Pastor, o pontífice quis ajudar a Igreja que reza, com devoção, o Santo Rosário, na busca de receber as graças abundantes por meio da Mãe do Redentor (RVM 1). Então, instituiu os mistérios luminosos, como modo de abraçar também os mistérios da vida pública de Cristo entre o batismo e a paixão (RVM 19), trazendo um “significado existencial” (GAUDIO, 2016, p.59) e uma visão mais completa da mensagem evangélica.

No terceiro aspecto, se destaca sua notável contribuição com a Mariologia Social:

No pensamento de João Paulo II, a figura da Mãe universal carrega consigo uma particular força de comunhão e de reconciliação, contribuindo assim, à coesão social, à condição, porém, de não passar por cima das exigências da justiça, também porque a Rainha da Paz é também e ainda antes o Espelho da Justiça. (BOFF, 2006, p.97).

Dentro dos eventos sociais, Maria é a mulher viva e ativa, à quem o povo pode recorrer e exercer uma atitude de paz, justiça e reconciliação. Tudo isto porque em sua inserção do mistério de Cristo, a Mãe se torna libertação e opção preferencial aos mais pobres, numa prática sociotransformadora, proclamada em seu Magnificat (cf. BOFF, 2006, p.93-94). As pessoas pobres, que deveriam ser libertadas, se tornam pessoas libertadoras, apoiando em práticas sólidas de defesa de direitos e de desenvolvimento integral, tendo a mesma fé e esperança que a Virgem Maria tem.

Por fim, temos o pontificado de Papa Bento XVI, que apesar de não trazer nenhum documento pontifício com o tema mariano, vai em seus documentos e homilias, enfatizar a importância de Maria como modelo, que “faz ressoar em nossa vida o seu faça-se” (PAPA BENTO XVI, 2016, p.42). O seu exemplo na fé, na esperança e na caridade, deve se tornar, na vida do cristão, um grato testemunho que indica o caminho para o Reino de Deus.

Um dos pontos essenciais do Concílio, foi a inserção da Mariologia dentro do campo teológico. O Papa Bento XVI foi um dos propagadores, como vemos na Exortação Apostólica *Verbum Domini* (2010), onde exorta-os “a aprofundarem ainda mais a relação entre mariologia e teologia da Palavra. Daí poderá vir grande benefício tanto para a vida espiritual como para os estudos teológicos e

bíblicos” (VD 27). Ter Maria como ótica na inteligência da fé, faz surgir a possibilidade de chegar ao mais íntimo da verdade cristã, pois com a sua decisão livre, ela cooperou para a Encarnação do Verbo (cf. BOFF, 2022, p.14).

Assim, de São Paulo VI até Bento XVI, os pontificados estiveram ocupados em continuar a reflexão trazida pelo Concílio, renovando e aprofundando-se em aspectos específicos, sejam eles de linha pastoral ou teológica. Embora sigam as diretrizes do Vaticano II, os papas estão mais preocupados em situar a discussão teológica mariana num âmbito social e cultural dos tempos (cf. COYLE, 2015, p.64). Maria é verdadeiramente a Mãe da Igreja e a Mãe do Redentor. Os fiéis são convidados a celebrá-la com ordenamento sadio e estudá-la com base teológica, encontrando uma mensagem de fé e de justiça social.

2.2. A presença de Maria nas conferências do CELAM

Desde o início de sua evangelização, a América Latina vivia compenetrada nas devoções marianas, tendo destaque as aparições, os títulos e a oração do Rosário (cf. SOUZA, 2022, p.255). Ao longo das cinco Conferências Gerais do CELAM, a figura de Maria apareceu de modo constante, com uma expressão vital e histórica que constitui um dos traços da identidade da Igreja latino-americana. Porém, o mais importante é que Maria, de conquistadora e colonizadora, se torna no decorrer da história, a mãe que está presente em todas as dificuldades da vida pessoal e social.

A Conferência do Rio de Janeiro, que ocorreu nove anos antes do Concílio Vaticano II, teve como preocupação central a escassez dos sacerdotes, a atenção ao aumento do protestantismo e a falta de formação do clero. A Virgem Maria não teve uma participação efetiva no documento, sendo somente invocada dentro do contexto litúrgico, devocional e apologético. Os bispos destacam a importância da devoção mariana como um caminho para despertar e promover novas vocações para a Igreja (cf. CAPRANI, 2014, p.54).

Em *Medellín*, os bispos realizaram a abertura das propostas conciliares na realidade latino-americana e efetivaram a importância do Evangelho como libertação diante a tantas situações claudicantes de ditadura e opressão vigentes no continente. Estranhamente, “o documento de Medellín não dá espaço

relevante à Maria” (HACKMANN, 2017, p.441), que é citada apenas três vezes no documento final, sempre lembrada no seu aspecto eclesial. A ênfase se dá no relato do Pentecostes, que surge como um estímulo para ação evangelizadora (cf. DM, Introdução às conclusões, 8).

A participação mariana muda e ganha destaque com a terceira conferência de *Puebla*. São 33 artigos que abordam temas mariológicos, podendo ser divididos, conforme Clodovis Boff, em quatro eixos: a cultura latino-americana, a evangelização, o papel da mulher e a libertação social (cf. BOFF, 2006, p.100). Dentro deste parâmetro, o Documento afirma que:

Maria é reconhecida como modelo extraordinário da Igreja na ordem da fé. É aquela que crê, pois nela resplandece a fé como dom, abertura, resposta e fidelidade. É a discípula perfeita que se abre à palavra e se deixa penetrar por seu dinamismo. (DP 296).

A libertação foi o tema primordial deste documento. Pelo grito do *Magnificat*, a Virgem Maria se torna uma mulher profética e libertadora dos pobres do Senhor, “ela se torna uma com o Deus de seu povo, sem deixar de dar a sua cooperação ao projeto divino, por meio de seu compromisso ético de transformar a realidade de opressão em vida plena” (BOFF, 2022, p.111). Deste modo, a ação de Maria é daqueles que não aceitam passivamente as circunstâncias adversas da vida pessoal e social e proclamam a ação de Deus que derruba os poderosos e despede os ricos de mãos vazias. Durante a história do continente latino-americano, ela teve grande participação, muitas vezes, dando voz à união de povos. Grande destaque é dado aos santuários marianos¹¹, que são claros sinais do encontro da fé com a história (cf. DP 282).

Ela é a “mãe, modelo e imagem da Igreja” (DP 285), como também é a educadora da fé, que faz com que o “Evangelho reverbere nos corações na vida da Igreja latino-americana” (DP 290). Em seu serviço faz com que a pastoral e a ação eclesial sejam mais encarnadas e voltadas para o Evangelho, isto porque, ela conheceu as situações de pobreza, sofrimento, fuga e exílio (cf. DP 302) e volta o seu olhar para estas difíceis realidades.

¹¹ Entre os maiores santuários marianos da América Latina, se destaca: Aparecida no Brasil, Luján na Argentina, Copacabana na Bolívia, Nossa Senhora das Mercês no Peru e Guadalupe no México (cf. CAPRANI, 2014, p.71).

Vemos então, que o rosto mariológico pintado por *Puebla* vem da importância que Maria tem na história da evangelização do continente e do seu papel na sociedade, como sinal de uma mulher forte e libertadora diante das situações difíceis do povo. Como modelo e educadora da Igreja, a mesma eleva um grito profético a Deus de justiça. Por isso, ela está profundamente inserida na cultura e na identidade da América Latina. O documento de *Puebla* reconhece seu devido valor.

Em memória dos 500 anos de Evangelização dos povos na América Latina e Caribe, ocorreu em *Santo Domingo* na República Dominicana a quarta conferência do CELAM, que buscou trabalhar os temas da nova evangelização, promoção humana e da cultura cristã. Conforme afirma Júlio Caprani, encontraremos na Mariologia desta conferência:

Certas limitações e lacunas, porque como vimos no seu contexto, essa conferência se desenvolveu num processo bastante tumultuado e confuso da história do continente latino-americano. (CAPRANI, 2014, p.80).

Este contexto tumultuado se deve às mudanças sociopolíticas e eclesiais que aconteciam na realidade latino-americana, marcadas profundamente pelo neoliberalismo com alto índice de desemprego, exclusão social e baixa expectativa de vida. O documento oficial vai romper com a abordagem teológica e metodológica de “ver-julgar-agir” e refutar o eixo crítico-social, deslocando para uma dimensão cultural. A “opção preferencial pelos pobres foi confirmada e assumida, mas matizada” (CAPRANI, 2013, p.79).

Dentro do âmbito mariológico, o Papa João Paulo II invoca Maria como a “Estrela da primeira e nova evangelização” (DSD 15) enquanto os membros da Conferência encontram nela a “primeira redimida e a primeira crente, mulher de fé” (DSD 15). Assim, sendo a mesma se torna exemplo e modelo de perfeita discípula e a conferência se reúne como um novo cenáculo. Em suma, em todo o documento é destacada a presença da Virgem Maria na Igreja latino-americana, em sua maternidade e no testemunho de santidade, como também em seu papel feminino que tem muito a contribuir na evangelização das mulheres (DSD 104).

Por fim, tem-se a V Conferência de Aparecida, que pretende dar “continuidade e, ao mesmo tempo, recapitula o caminho de fidelidade, renovação

e evangelização da Igreja latino-americana” (DAp 9). Ela aconteceu no Santuário de Aparecida, por pedido do próprio Papa Bento XVI, que desejava apontar o caminho discipular, fincado em Jesus e na Virgem Maria (cf. MELLO, 2017, p.11-12). Ao todo no documento final, são dedicados 25 parágrafos e um tópico inteiro à Maria, destacando dois pontos principais sobre o ser da Mãe de Deus, os quais o Papa Bento XVI afirma que “são como as duas caras de uma mesma moeda” (DAp, 2007, p.274-275): o discipulado e a missionariedade.

A Virgem Maria sendo a “primeira discípula e a grande missionária de nossos povos” (DAp 25) vive a máxima de sua existência, que é o seguimento ao seu Filho Jesus Cristo. De acordo com Mello:

O sentido último do seu discipulado está, portanto, em seu lugar na obra da salvação. Ser uma ‘perfeita discípula’ não foi algo accidental na vida de Maria, algo secundário, que podia se dar ou não se dar. Ser discípula corresponde ao núcleo essencial de sua vida e de sua missão, pois Deus ao pensar a encarnação de seu Filho, a pensou inseparavelmente unida ao sim e à pessoa de Maria. (MELLO, 2017, p.37).

O Documento de Aparecida vai destacar, que em Maria, a “perfeita discípula” (DAp 266) há um caráter trinitário, pois como imagem esplêndida, ela se torna lugar de encontro e comunhão com a Santíssima Trindade (cf. MELLO, 2017, p.33). Por isso, ao ser discípula no caráter trinitário e no seguimento de seu Filho, ela se torna inspiração para os discípulos do Senhor e para Igreja, visto que nela se encontra a plenitude do discipulado cristão.

Essa forte ligação de Maria com o Povo de Deus é enfatizada por Aparecida com as devoções populares. Para o cristão se tornam uma experiência autêntica de fé e espiritualidade. Com a piedade popular, o fiel inicia sua caminhada de fé e um processo de amadurecimento, pois a fé se encarnou na cultura e dentro dela há riquezas evangélicas que não devem ser excluídas ou ignoradas (cf. DAp 262). Pode-se assim dizer que os bispos “descobriram os elementos teológicos da piedade popular na vivência da fé popular e na próxima realidade, elementos que vêm de sua tradição de uma fé histórica” (BOFF, 2022, p.129).

Com o atributo missionário de Maria, o documento por duas vezes, vai invocá-la como “grande missionária” (cf. DAp 25.269), pois ela contribui para a missão de Cristo e teve uma missão única na história da salvação. Em

Aparecida, a “dimensão mais destacada da sua missão foi a maternidade” (MELLO, 2017, p.44), pois assim, ela tem condições de formar Jesus em nós e nos ensina a fazer tudo que Ele nos disser, sendo tipo da Igreja, a Igreja também é materna, que é o “melhor remédio para uma Igreja, meramente funcional ou burocrática” (Dap 268). Ao contemplar todo o Documento de Aparecida, podemos perceber que ele “nos familiariza com diferentes e múltiplas dimensões da reflexão mariológica” (CAPRINI, 2014, p.105), destacando vários pontos teológicos presentes na Teologia da Igreja latino-americana. Dentro de seu contexto, os fiéis são convidados a entrar na Escola de Maria e aprender com ela a serem discípulos e missionários de Jesus Cristo.

Em forma de conclusão, pode-se perceber que com as linhas do Vaticano II e posteriormente somadas com as conferências do CELAM, iniciou-se uma nova impostação da mariologia. Além de evidenciar os “aspectos antropológicos, ecumênicos, eclesiológicos e pneumatológicos, houve mudança nos modelos de aproximação da figura de Maria” (BOFF, 2022, p.115), destacando os aspectos de serviço, pastoral e comunitário que emergem de Maria, evitando a ênfase nos privilégios e nos pontos moralistas e individualistas.

2.3. A Mariologia do Papa Francisco

O Papa Francisco no seu empenho de construir uma mentalidade nova no âmbito da eclesiologia e uma práxis da ação pastoral, busca se fundamentar na Teologia do Povo¹² e na opção preferencial pelos pobres (cf. SOUZA, 2022, p.497). Entender a realidade a partir da cultura e da fé do povo faz com que a piedade popular tenha grande destaque em sua mariologia. Somado a isso, a dimensão eclesiológica também tem um papel fundamental, pois destaca a Virgem Maria como a mãe e educadora que ensina a Igreja a ser mais materna e feminina em seu ser e agir no mundo.

¹² Conforme o professor Ney de Souza, a Teologia do Povo foi “gestada na Igreja Latino-americana, particularmente em território argentino. Ela decorre, em última análise do Concílio Vaticano II, especificamente na leitura no Documento de Puebla (386) e do número 53 da *Gaudium Et Spes* quando trata da cultura” (SOUZA, 2022, p.492)

2.3.1 Piedade Popular Mariana

A mariologia do Papa Francisco “se situa na tradição da fé do Povo de Deus e em continuidade com o magistério do Vaticano II e dos seus predecessores” (GALLI, 2018, p.32), da mesma forma que “está profundamente marcado pela V Conferência e sua mensagem” (MELLO, 2018, p.56). Pode-se perceber que o documento de Aparecida tem grande importância no seu pontificado, sendo citado constantemente, de modo direto ou indireto, em suas homilias e pronunciamentos:

Aquela Conferência foi um grande momento da vida de Igreja. E, de fato, pode-se dizer que o Documento de Aparecida nasceu justamente deste encontro entre os trabalhos dos pastores e a fé simples dos romeiros, sob a proteção maternal de Maria. A Igreja, quando busca Cristo, bate sempre à casa da Mãe e pede: ‘Mostrai-nos Jesus’. É de Maria que se aprende o verdadeiro discipulado. E, por isso, a Igreja sai em missão sempre na esteira de Maria (PAPA FRANCISCO, 2016, p.30).

A Igreja como Povo de Deus pode aprender na Escola de Maria como ser discípula missionária, pois é nela que encontramos verdadeiramente um modelo perfeito de discípula e pedagoga da evangelização (DAp 1). Inclusive, as atitudes da Mãe de Jesus que o documento de Aparecida ressalta, e das quais o Papa Francisco universaliza no magistério devem, “a partir de Aparecida, continuar marcando o caminho da Igreja no nosso continente e em todo mundo” (MELLO, 2018, p.63), assumindo traços pastorais e evangélicos como uma “Igreja em saída”.

Para que a presença de Maria seja primordial neste processo de evangelização, o Papa Francisco dá a devida importância nas espiritualidades populares e nas piedades marianas. A fé simples do Povo de Deus em suas práticas piedosas é iluminada pelo Espírito Santo na totalidade do sacramento do Crisma, do qual “não podem enganar-se no ato de fé” (LG 12).

A piedade popular é a sabedoria do povo fiel que comunica a fé de modos diversos, numa dinâmica criativa para se manter unidos a Jesus Cristo e à Virgem Maria. Assim, ao contemplá-la nas devoções populares, “vemos a Mãe de Deus que não guarda o seu Filho só para si mesma, mas pede a todos que obedeçam à palavra d’Ele e a ponham em prática” (AS 7).

A força que deriva das piedades populares deve ser luz para os pastores, ao ponto de se tornarem um “lugar teológico”, isto porque, as ações populares são manifestações de uma vida teologal animadas pelo Espírito Santo. Os seres humanos como agentes ativos da evangelização ajudam no processo de inculturação do Evangelho de modo singular e autônoma. O Papa trabalha esta questão, na encíclica *Evangelium Gaudium* (2013), onde sintetiza o seu projeto e sua ação como pontífice romano, afirmando que:

Na piedade popular, por ser fruto do Evangelho inculturado, subjaz uma força ativamente evangelizadora que não podemos subestimar: seria ignorar a obra do Espírito Santo. Ao contrário, somos chamados a encorajá-la e fortalecê-la para aprofundar o processo de inculturação, que é uma realidade nunca acabada. As expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um lugar teológico a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização. (EG 126).

A piedade popular é tão marcante na vida do papa que o seu “olhar cordial, a piedade mariana e a pregação mariológica de Francisco aprofundam suas raízes neste solo fecundo” (GALLI, 2018, p.42).

O povo de Deus pode encontrar na sua devoção à Maria, nas visitas aos santuários, nos diversos títulos e nas práticas simples, a força de Deus para suportar os sofrimentos e as fadigas da vida. Por isso, o Santo Padre pede que a Igreja volte o olhar para piedade popular tentando integrá-la com a vida de fé e não terem um olhar negativo e subjugado.

2.3.2 Maria, Mãe da Igreja

Todo o processo de evangelização tem a sua centralidade no querigma de Deus. Este para o Papa Francisco é uma verdadeira revolução de ternura, amor e perdão a todos os seus filhos. Deste modo, “a misericórdia é o princípio hermenêutico do pontificado de Francisco” (GALLI, 2018, p.68). Seguindo esta linha, logo no início de seu governo petrino, ele convoca a Igreja para um Ano Jubilar Extraordinário da Misericórdia (2015-2016), onde a pessoa de Maria ganha seu devido destaque, pois, “ninguém, como Maria, conheceu a profundidade do mistério de Deus feito homem” (MV 24). Deste modo, ela é o

ícone sublime da misericórdia e a aurora da nova criação, do qual é a primeira salva pela infinita misericórdia de Deus.

Em Maria, todos os povos “encontram a ternura e o amor de Deus” (DAP 265), porque ela é a dimensão misericordiosa da maternidade da Igreja que protege e cuida das feridas de todos os seus filhos. É por isso que “no coração da Mãe, podem ser vistas as ‘vísceras de misericórdia de nosso Deus’, Maria conhece profundamente a misericórdia de Deus” (GALLI, 2018, p.103) e Deus a faz Mãe de Misericórdia que movimenta a ternura no Povo de Deus.

Em consonância deste novo prisma da misericórdia de Deus e de um impulso de uma Igreja em saída, segundo as linhas pastorais do Concílio, o Papa Francisco encontra em Maria a atividade evangelizadora “na forma revolucionária da ternura e do afeto” (EG 288) e por isso, no ano de 2018, com o decreto *Ecclesiae Mater*, determina a inscrição da memória de “Maria, Mãe da Igreja” no Calendário Romano Geral, considerando que:

Atentamente quanto a promoção desta devoção possa favorecer o crescimento do sentido materno da Igreja nos Pastores, nos religiosos e nos fiéis, como, também, da genuína piedade mariana, estabeleceu que esta memória da bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja, seja inscrita no Calendário Romano na Segunda feira depois do Pentecostes, e que seja celebrada todos os anos. Esta celebração ajudará a lembrar que a vida cristã, para crescer, deve ser ancorada no mistério da Cruz, na oblação de Cristo no convite eucarístico e na Virgem oferente, Mãe do Redentor e dos redimidos (EM).

Com isso, o Papa Francisco não quer somente resgatar os debates pré-conciliares e as reflexões eclesiológicas e cristológicas que derivam deste pensamento teológico, mas quer, seguindo o Concílio e o Documento de Aparecida, fazer da Virgem Maria um modelo para a Igreja em sua dimensão materna e feminina. A palavra modelo é a chave de leitura para entender a determinação desta memória litúrgica, pois somente na Escola de Maria é que podemos compreender com maior eficácia os mistérios da Cruz e Eucarístico, como apresentado no decreto.

O modelo e a Imagem que Maria invoca para a Igreja são a sua vida de fé, na caridade e na união com Cristo (cf. PAPA FRANCISCO, 2019, p.112-113). É modelo de fé, pois em sua simplicidade e nos trabalhos cotidianos soube dizer um sim que se perpetuava até a hora agonizante da cruz, como se “envolve

totalmente em sua confissão de fé, como todo o seu ser e durante toda a sua vida” (PÁDUA, 2019, p.152). Também revela na caridade, ao visitar Isabel partindo apressadamente num amor gratuito, “a Igreja é como Maria: a Igreja não é uma loja, nem uma agência humanitária, a Igreja não é uma ONG, mas é enviada a levar a todos Cristo e seu Evangelho” (PAPA FRANCISCO, 2019, p.114).

Por fim, Maria é modelo de união com Cristo, pois em tudo que realiza é sempre unida ao seu Filho, aceitando com bondade a vontade do Pai. Deste modelo mariano, emerge um novo horizonte para a Igreja, inaugurado pelo Papa, que está em consonância com toda herança do depósito da fé: A Virgem Maria assume, mediante a ação de Cristo, o sacramento da maternidade da Igreja (cf. PEREIRA, 2019, p.84) e, com isso, a Igreja se inspira no seu exemplo materno, na sua presença aos pés da Cruz e no cenáculo em Pentecostes para servir aos discípulos de Cristo.

2.3.3 Aspectos marianos da Igreja: Mãe e Mulher

Em continuidade com as Sagradas Escrituras e com o pensamento do Magistério, o Papa Francisco “tem visto e feito ver, de maneira clara, em seu magistério, a inter-relação entre Maria, a Igreja e cada fiel” (PÁDUA, 2019, p.143); de tal forma que nesta ligação íntima, tudo que se aplica à Virgem Maria pode também ser aplicado à Igreja e a cada fiel batizado, uma vez que em ambos, gera-se Cristo de diversas maneiras para a sociedade.

Mas é exatamente para em dois aspectos presentes na Tradição que o Papa Francisco volta a sua atenção, destacando esta relação com a Igreja: a dinâmica de ser Mãe e de ser Mulher. Antes do seu pontificado, enquanto comentava sobre a ligação de Maria-Mãe e a Igreja, presente nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, o pontífice afirma que:

A maternidade da Igreja coliga três conceitos: santidade, fecundidade, disciplina. A santidade da Igreja, porque fomos gerados por Deus no corpo santo da Igreja. Ela se reflete no rosto limpo e puro de Maria Imaculada. A fecundidade da Igreja gera filhos com a força da fé, com a fé de Maria que deu à luz o Verbo da Vida. A maternidade passa pela fecundidade paradoxal do Evangelho. A disciplina ou o amor disciplinado se insere no corpo eclesial e faz servidores da evangelização, que

é “ato eclesial”. A disciplina é uma dimensão do amor santo e fecundo. A adesão ao Reino se adentra no lado de Cristo adormecido sobre a Cruz, de onde nasce a Igreja, sua esposa, Mãe fecunda e Corpo disciplinado e nutrido pela Eucaristia. (GALLI, 2018, p.75).

A primeira afirmação que a Igreja faz de Maria é de ser exatamente a *Theotókos*, a “Mãe do Senhor” (Lc 1,43). Toda a sua trajetória de vida foi ser Mãe; este é um título que nunca lhe será tirado, porque a Encarnação do Verbo é um fato irreversível. Em sua coragem, na sua fé de dizer sim ao projeto de Deus e ao assumir a sua vocação materna, Maria se tipifica como modelo para toda Igreja, sobretudo para os mais jovens e para as mulheres nas suas atuações de leigos e leigas, onde se reconhecem como Igreja (cf. SOUZA; COSTA, 2022, p.35).

Para o Papa Francisco, precisamos cada vez mais destacar a dimensão materna da Igreja, pois são delas que Deus se utiliza para levar a ternura e o sentido da vida “uma sociedade sem mães, seria uma sociedade desumana, porque as mães sabem testemunhar sempre, mesmo nos piores momentos, a ternura, a dedicação, a força moral” (PAPA FRANCISCO, 2019, p.19).

No sinal da cruz, ao ver sua Mãe e o discípulo que mais amava, Jesus estende a maternidade de Maria para toda a Igreja, fazendo dela “o primeiro lugar, de modo eminente e singular, o modelo de virgem e de mãe” (LG 63). Essa maternidade é confirmada no evento de Pentecostes, que estando junto com os apóstolos, ela é novamente agraciada pelo Espírito Santo. Com isto, a relação materna de Maria e da Igreja fica mais evidente. A Mãe gera o Filho por meio da escuta obediente da Palavra e a Igreja como Povo de Deus gera uma nova humanidade, que é libertada por Cristo pelo sacramento do batismo:

A maternidade de Maria é, sem dúvida, única, singular, cumprindo-se na plenitude dos tempos, quando a Virgem deu à luz o Filho de Deus, concebido por obra do Espírito Santo. E todavia, a maternidade da Igreja insere-se precisamente em continuidade com a de Maria, como sua prolongação na história. Na fecundidade do Espírito, a Igreja continua a gerar novos filhos em Cristo, sempre à escuta da Palavra de Deus e em docilidade ao seu desígnio de amor. A Igreja é Mãe (PAPA FRANCISCO, 2019, p.25).

Outro fator destacado pelo Papa sobre a maternidade de Maria e da Igreja é que ao gerar Jesus Cristo no mundo, faz-se dele o nosso irmão. Deste modo,

as relações da Igreja e do mundo devem tornar-se mais fraternas, onde prevaleça o cuidado e a partilha com todos, mantendo-se como uma família humana unida.

Não somente a sociedade deve ser mais fraterna, mas também toda a Criação é convidada a viver esta unidade fraterna, como afirma o Santo Padre em um Discurso na Pontifícia Faculdade Teológica *Marianum*: “a Igreja tem necessidade de redescobrir o seu coração materno, que bate pela unidade; mas também a nossa Terra precisa disto, para voltar a tornar-se a casa de todos os seus filhos” (PAPA FRANCISCO, 24 de outubro de 2020)¹³. O medo da abertura ao diferente, não deve ser empecilhos para gerar fraternidade, “para nos encontramos e nos ajudarmos mutuamente, precisamos dialogar” (FT 198).

Esta é a atitude que todos aqueles que formam a Igreja devem tomar para gerar a cultura do encontro e de caminhar juntos, arriscando dar a vida para o futuro, uma ação que é propriamente materna, a qual não há erro. Mas também, a Igreja como mãe, “ensina aos seus filhos as obras de misericórdia” (PAPA FRANCISCO, 2019, p.31), evocando as mesmas práticas de misericórdia e amor mútuo de Jesus. Uma Igreja Mãe é uma Igreja que tem um olhar preferencial para os pobres e excluídos, que não tem voz e nem vez na sociedade e como qual, precisam de ajuda para saírem destas estruturas opressoras. Assim, “para mudar o mundo para melhor, é preciso fazer bem a quem não é capaz de retribuir, como o Pai fez conosco, dando-nos Jesus” (PAPA FRANCISCO, 2019, p.31).

O Papa Francisco também destaca que a Igreja deve ser mulher como a Virgem Maria. Esta dimensão vem como consequência da sua maternidade, pois desde o mistério da Encarnação, Deus usufruiu da participação do masculino e do feminino, de Jesus e de Maria. Partindo de sua maternidade, a Igreja assume sua dimensão feminina, qual sem ela, o Povo de Deus é reduzido a uma institucionalização funcional. O Papa Francisco reforça esta postura na Exortação apostólica *Querida Amazônia*:

Porque o Senhor quis manifestar o seu poder e o seu amor através de dois rostos humanos: o do seu Filho feito homem e o de uma criatura que é mulher, Maria. As mulheres prestam a Igreja a sua contribuição segundo o modo que lhes é próprio e

¹³ PAPA FRANCISCO. Discurso aos professores e estudantes da Pontifícia Faculdade Teológica *Marianum* de Roma. 24 de outubro de 2020.

prolongando a força e a ternura de Maria, a Mãe. Desse modo, não nos limitamos a uma impostação funcional, mas entramos na estrutura íntima da Igreja. Assim, compreendemos radicalmente por que, sem as mulheres, ela se desmorona (QA 101).

Se no decurso do Antigo para o Novo Testamento, o papel da mulher é essencial para a história da salvação, também seria para a Igreja, pois da mesma forma que “a maternidade faz da Igreja uma verdadeira família, assim o caráter feminino faz da Igreja um povo unido” (PAPA FRANCISCO, 24 de outubro de 2020)¹⁴. Deus ao enviar seu Filho ao mundo nascido de mulher (Gl 4,4), faz do feminino o caminho para a salvação. Se por acaso esta essência eclesial é esquecida, a Igreja perde aquilo que gera o amor e a comunhão. Inclusive, o próprio modo de ser de Deus é pensado a partir da fé feminina e “toma forma humana no modo de ser feminino de uma mulher” (BOFF, 2020, p.29).

Para melhor ilustrar este aspecto feminino da Igreja, o Papa numa meditação matutina na Capela da Casa Santa Marta, usa a imagem de Maria no nascimento de Jesus, que o enfaixa e coloca na manjedoura, cuidando e protegendo dos perigos como um grande sinal de ternura (cf. PAPA FRANCISCO, 21 de maio de 2018)¹⁵. A Igreja também deve agir, desta forma, com a sociedade, sendo uma luz que ilumina “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje” (GS 1). Este pensamento mariano do Papa Francisco ganha mais importância quando, na mesma meditação, aponta que a Igreja, sendo mãe, deve abrir mais espaços para a participação da mulher de modo significativo e inclusivo.

Para o pontífice esta realidade é tão urgente que constantemente em seus discursos, aponta a importância de resgatar o papel da mulher na Igreja e a necessidade de conceder lugares dignos, uma vez que todos têm a mesma dignidade comum do batismo. Ele também traz fortes críticas ao clericalismo - que muitas vezes fechou as portas da Igreja para as mulheres - o classificando como uma tentação para todo o Povo de Deus (cf. SOUSA, 2021, p.26).

Dado o exposto, verifica-se que a Mariologia do Papa Francisco é totalmente centrada na cristologia e na eclesiologia. Na dinâmica missionária e

¹⁴ PAPA FRANCISCO. Discurso aos professores e estudantes da Pontifícia Faculdade Teológica *Marianum* de Roma. 24 de outubro de 2020.

¹⁵ PAPA FRANCISCO. Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela da Casa Santa Marta. “A Igreja é mulher e mãe”. 21 de maio de 2018.

discipular, encontra na pessoa de Maria um verdadeiro modelo para o fiel e para todo Povo de Deus, pois da mesma forma que a Virgem é mulher e Mãe, a Igreja é feminina e gera filhos como uma mãe. Estes aspectos marianos impulsionam a levar novas frentes de evangelização, pautadas no diálogo, na assistência aos mais marginalizados, ao anúncio da paz e na unidade plena com a humanidade e com a Criação.

CAPÍTULO III

A MARIOLOGIA DO PAPA FRANCISCO NA PERSPECTIVA EVANGELIZADORA-PASTORAL-SOCIAL

Toda a perspectiva evangelizadora-pastoral-social que a mariologia contribui para o projeto pontifício do Papa Francisco está situada na herança do Concílio Vaticano II e do Magistério, que resgata os elementos patrísticos de Maria como figura e imagem da Igreja. Este horizonte não deve ser ignorado, pois, como afirma a teóloga Lúcia Pedrosa-Pádua:

Francisco desenvolve e reforça a intuição do Concílio Vaticano II que, ao estabelecer a relação entre Maria e a Igreja, utiliza a noção patrística de tipo. No pensamento tipológico de Santo Ambrósio e Santo Agostinho, que o Concílio recolhe, Maria é tipo da Igreja, quer dizer, é ícone - figura e imagem – e exemplo. (PÁDUA, 2019, p.144).

A nova evangelização no mundo foi uma das primeiras preocupações do pontífice, que traz novos horizontes para a Igreja em seu processo discipular e missionário. Também o Papa convida a humanidade para uma conversão integral, com o cuidado da Casa Comum. Ele dá opção para as novas atitudes humanas e ecológicas em vista de uma sociedade mais consciente, que depois é complementada com uma melhor compreensão da amizade social e da fraternidade mundial. Nestas linhas de ação, a Mariologia ressoa e contribui na sua prática pastoral e traz um aspecto feminino e materno, tão necessário para a Igreja.

1. O rosto feminino da Evangelização: “estilo mariano”

Remetendo à XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (2012) onde discutiu-se “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”, surge então a primeira exortação apostólica do Papa Francisco com o título *Evangelii Gaudium*. Este se torna um fundamental material em sua autonomia apresentando todo o seu programa de governo pontifício (cf. SUESS, 2015, p.8). Neste documento, o Papa faz o convite para todos os membros da Igreja saírem em busca de novas realidades, como discípulos missionários, anunciando a alegria que brota do Evangelho:

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida, enlameada por ter saído pelas estradas a uma Igreja enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. (EG 49).

Esta missão que a Igreja deve assumir a introduz numa mudança de perspectiva eliminando as seguranças e as comodidades. Agora, faz-se necessário tomar uma atitude de serviço para a humanidade, onde possa-se anunciar a pessoa de Jesus Cristo. Este novo horizonte faz dela uma verdadeira Igreja em saída, “em estado permanente de missão” (EG 25). Desta forma, estar em saída “significa romper com certa ideia de figura e reforma da Igreja pensada por nós e refletir sobre o essencial da fé católica” (AUGUSTIN, 2018, p.26), sem isto, não conseguiremos nos libertar dos bloqueios e preconceitos que impomos ou cairemos em ativismos frenéticos gerando esterilidade.

Entretanto, para assumir esta atitude de saída no anúncio evangélico, deve-se preparar para enfrentar dificuldades da ação eclesial que tem suas raízes em duas heresias do passado: o neopelagianismo¹⁶ e o neognosticismo¹⁷. Em ambas, surgem um “elitismo narcisista e autoritário, em que, em vez de evangelizar, analisam-se e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias controlando” (EG 94), em outras palavras, estas suas dificuldades apresentam formas desvirtuadas do cristianismo e das quais nunca vão fazer brotar um autêntico dinamismo evangelizador.

Para superar estas dificuldades é preciso recordar que no processo de santificação pessoal e no papel evangelizador, somos todos guiados pelo Espírito Santo que não se reduz a práticas autorreferenciais e a subjetivismos. Nesta linha de pensamento, contemplamos o rosto de Deus na caridade, que “se

¹⁶ Neopelagianismo: Tem a sua raiz no pelagianismo que supõe a auto referencialidade de quem “só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a certo estilo católico próprio do passado” (EG 94).

¹⁷ Neognosticismo: tem sua raiz no gnosticismo e supõe “uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância a pessoa fica enclausurada” (EG 94)

reflete em muitos, porque em cada irmão, especialmente no mais pequeno, frágil, inerte e necessitado, está presente a própria imagem de Deus” (GE 61).

Eliminando estes bloqueios, se resgata a imagem de Povo de Deus, recordando que a Igreja tem como dever a evangelização dos povos, visto que antes de ser uma instituição orgânica e hierárquica, ela é, “um povo que peregrina para Deus” (EG 111). Por esta razão, a evangelização é uma tarefa competente a todos os membros batizados e ninguém pode se esconder deste dever. Para o teólogo George Augustin:

Todos somos desafiados a sair de nós mesmos e ir ao encontro das pessoas com a mensagem de amor, de misericórdia e de reconciliação, transmitindo aos seres humanos o Evangelho de Jesus de forma consistente. Temos a tarefa de manter aberto o espaço da transcendência, criando, com isso, as condições para que os homens descubram Jesus Cristo e o seu Evangelho com a verdade das suas vidas. Uma Igreja que seja sinal e instrumento do céu aberto sempre será missionária (AUGUSTIN, 2018, p.126-127).

Para haver uma verdadeira evangelização, a Igreja deve assumir esta missão como um todo e retomar uma atitude de diálogo e abertura com a sociedade e com as culturas. Somente assim, estaremos presentes nas periferias existenciais da vida humana. O diálogo não fere aquilo que é a identidade eclesial, pois não é “fechado em si mesmo, mas aberto e processual” (AUGUSTIN, 2018, p.128). Sendo assim, para os cristãos, o diálogo é o transcender em encontro com o próximo, respeitando as alteridades, dando um verdadeiro encontro com a pessoa de Cristo.

Além do diálogo, a evangelização implica que todos se abram à ação do Espírito Santo, sem medo e desânimo, pois, somente pelo Espírito é que teremos a força necessária para anunciar a boa nova com ousadia (cf. EG 259). Deste modo, o Papa “busca encorajar o evangelizador a evangelizar com Espírito, pois o evangelizador com espírito é muito diferente de um conjunto de tarefas vividas como uma obrigação pesada” (RIBEIRO, 2022, p.32), por isso, Maria se torna um elemento essencial. Juntamente com o Espírito Santo, ela estava reunida com os discípulos e esteve presente na explosão missionária de Pentecostes.

No final do seu documento, como forma de conclusão de toda sua reflexão, o pontífice volta seu olhar para Maria como a Mãe da Evangelização. Ele a contempla em torno de quatro parágrafos e de uma oração conclusiva,

destacando um “estilo mariano” de evangelizar, pois, sem ela não é possível conhecer o espírito da nova evangelização (cf. EG 284). O teólogo redentorista Eduardo Ribeiro, vai reforçar a dimensão evangelizadora da mariologia do Papa Francisco, que se encontra em forte sintonia com a invocação “Estrela da Evangelização” proporcionada pelo Papa Paulo VI na encíclica *Evangelii Nuntiandi*:

Falar da mariologia no pontificado do Papa Francisco implica uma proposta evangelizadora. Assim como a *Evangelii Nuntiandi* condensa a proposta evangelizadora do Papa Paulo VI, a *Evangelii Gaudium* condensa, da mesma forma, a proposta de evangelização do Papa Francisco. (RIBEIRO, 2022, p.31).

Sua reflexão parte da presença da Mãe na Cruz, onde Jesus a apresenta para a Igreja, pois “não é do agrado do Senhor que falte à sua Igreja o ícone feminino” (EG 285). Ela é um verdadeiro dom deixado por Jesus ao seu povo, como a mulher evangelizadora que comunica o ponto mais alto da vida de Jesus, participando do Mistério Pascal e adquirindo uma dimensão universal (cf. BOFF, 2020, p.23). Maria é a evangelizadora que consegue fazer de um curral doméstico de animais, em uma casa acolhedora de Jesus, ou seja, aquela que consegue transformar situações complexas em lugares de ternura, de alegria e louvor. Por isso é a portadora de esperança para o povo que sofre e a mãe que acompanha a humanidade.

Eis um aspecto evangelizador destacado em Maria: a necessidade de “criar novas situações para o processo evangelizador de nosso povo” (BOFF, 2020, p.30). Este novo fato só se realiza com o impulso missionário de uma Igreja em saída que vai além dos postos conhecidos. Ao acompanhar às necessidades humanas, conforme o Papa trabalha na imagem do coração transpassado e da falta do vinho no casamento de Caná, Maria reconhece e compreende as nossas penas (cf. EG 286).

A evangelização que brota desta dimensão é a fé e o cuidado que o fiel deve depositar em Deus que se transmite comunicado no serviço ao próximo, como parte constituinte deste Povo de Deus. Deste modo, Maria “torna-se um impulso motivador de mobilidade, mesmo quando as palavras de Jesus são duras de entender” (BOFF, 2020, p.33), pois somente recorrendo à Aquele que

pode fazer da água o vinho do Reino, é que conseguiremos caminhar como povo evangelizador.

Sempre que olharmos para Maria de Nazaré, brota uma força evangelizadora, que gera um “estilo mariano” de anunciar a mensagem da Boa Nova do Evangelho. Sobre isso, Lúcia Pedrosa Pádua afirma que Maria:

Imprime um ‘estilo mariano’ na atividade evangelizadora da Igreja: um dinamismo espiritual que articula ‘justiça e ternura’ e também a ‘contemplação e caminho’. O Papa Francisco chama de ‘estilo mariano’ a forma de articular dimensões de mística e profecia, oração e ação, que ele deseja na espiritualidade do evangelizador que fará realidade a ‘Igreja em Saída’ (PÁDUA, 2019, p.154).

Disto encontramos quatro elementos fundamentais que caracterizam este estilo mariano: a justiça, a ternura, a contemplação e o caminho. Maria articula a justiça, conforme verificamos no relato do *Magnificat*, os fatos que são proclamados neste canto “nos dão entender tanto o modo mariano de anunciar a Boa Notícia, como o modo terno e humilde de proclamar a verdade das massas empobrecidas” (BOFF, 2020, p.37). Assim, ela anuncia que Deus age por meio da mediação histórica socorrendo o sofredor, como evangelizadores devemos agir junto ao povo para transformar estas situações de morte, partindo do olhar preferencial pelos pobres (cf. EG 200).

A ternura de Maria se concretiza na sua prontidão de sair às pressas do seu povoado para servir aos outros, apesar de aparentar uma característica dos fracos, na verdade é a força dos fortes, pois carrega um movimento revolucionário (cf. EG 288), em outras palavras, Maria como modelo discipular-missionário nos aponta a ternura de Deus, impulsionando a não ter medo de “colocar os nossos dedos nas chagas de Jesus ressuscitado que se revela na carne sofredora dos outros” (SUESS, 2015, p.158).

A contemplação e o caminho do estilo mariano de evangelizar, se constitui no encontro com o Espírito Santo que impulsiona o evangelizador a caminhar na ajuda aos mais necessitados (cf. PÁDUA, 2019, p.155). Na atitude de Maria de reconhecer os vestígios de Deus em sua vida, sempre impulsionada pelo espírito contemplativo e que apressadamente sai em evangelização se torna fundamento para a evangelização.

Por fim, “esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz d’Ela um modelo eclesial para a evangelização” (EG 288), todo o estilo mariano de evangelizar culmina na proposta do *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, evocando virtudes que somente a Mãe de Jesus pode contemplar. Sendo “Maria tipo-Igreja” (LG 63), o seu testemunho impulsiona a Igreja a ser uma casa para todos, ser uma mãe para todos os povos, gerando Cristo para o mundo.

2. Cuidado integral: Rainha de toda Criação e Mãe da Amazônia.

Constituindo-se de um marco histórico e eclesial, o Papa Francisco publicou no ano de 2005 a encíclica *Laudato Si'* a qual levanta diversas questões antropológicas, teológicas, econômicas e insere “a questão ecológica no rol do ensino social da Igreja” (MAÇANEIRO, 2018, p.253). Tendo como inspiração o santo medieval São Francisco de Assis, o Papa se compromete neste documento a trazer propostas para o cuidado com mais frágeis e por uma busca de uma ecologia integral. Assim, tendo consciência do forte apelo ecológico, o Papa justifica a sua encíclica:

Lanço um convite urgente para renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós (LS 14).

Com este apelo já se nota uma necessidade urgente de uma “solidariedade universal” (LS 14), para que toda a humanidade possa se conscientizar e compreender dos desafios que afligem o mundo e a sociedade. Partindo desta base, se entende o conceito que o Papa aplica de “Casa Comum”, o mundo é esta casa onde todos vivem em dignidade, não somente o ser humano, mas toda a Criação de Deus.

Com isto, se compreende o papel do ser humano e do seu compromisso com a realidade que o rodeia, como também de Deus, pois a “existência se rege de maneira fundamental na profunda interligação que existe entre Deus, o próximo e a terra” (NOBRE, 2018, p.223), ou seja, tendo ciência que Deus é o único Senhor desta terra, o ser humano começa a se conscientizar de seu papel, evitando cair num antropocentrismo despótico que despreza a Criação. É preciso

voltar a figura de um único Criador para evitar a dominação e as crises humanitárias (cf. LS 75).

O teólogo Leonardo Boff, que durante muito tempo se aprofundou nesta temática, assim afirma sobre o documento pontifício:

A encíclica move uma vigorosa crítica ao mero ambientalismo, mesmo reconhecendo seu valor, pois ele é reducionista e antropocêntrico. Este coloca o ser humano no centro de tudo, e os demais seres somente ganham valor enquanto servem ao uso humano, esquecendo 'o valor próprio de cada criatura'. Não se guarda uma relação de mutualidade para com a natureza. Esta nos dá generosamente tudo o que precisamos para viver. Nós não lhe retribuímos com cuidado e respeito, e dando-lhe tempo para se autorregenerar. Tratamo-la com violência, a ponta de encíclica afirmar: 'Nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos' (BOFF, 2016, p.19).

Diante de uma sociedade que vive em constante mudança e que os interesses econômicos têm mais abrangência do que as causas ambientais, como vemos com a cultura do descarte, notam-se incessantes ataques a Criação que produzem efeitos irreversíveis na saúde das pessoas. Situações como poluição, mudanças climáticas, desigualdade social e deterioração da qualidade de vida, têm se tornado comuns e a necessidade de uma nova conscientização nunca foi tão urgente.

O Papa continuamente pondera sobre as consequências destas atitudes dominadoras que fere e machuca humanidade e a Criação. No fundo, o ser humano prejudica a si mesmo, pois não se pode separar as crises ecológicas com as sociais, ambas constituem uma complexa crise socioambiental. Desse modo, "o Papa aproxima teologia, antropologia e ética numa abordagem conjuntivas das ecologias ambiental e humana" (MAÇANEIRO, 2018, p.261), ao falar de natureza, automaticamente falamos de políticas públicas, tudo está interligado e somente teremos diretrizes significativas, quando abordarmos de modo integral o combate com a pobreza, com a exclusão social e o cuidado com a natureza.

Diante deste cenário, o Papa vai clamar por uma conversão ecológica, "que comporta várias atitudes que se conjugam para ativar um cuidado generoso e cheio de ternura" (LS 220), com esta nova cosmovisão, o ser humano começa a compreender que em cada criatura habita o Espírito do Criador. Nunca foi tão

importante ressaltar a importância do “olhar preferencial pelos mais pobres” (LS 158) e o cuidado com os mais frágeis, pois a Igreja não pode se desinteressar da crise que assola o mundo e precisa zelar para que cada pessoa tenha a sua dignidade de *Imago Dei*, em especial os mais fragilizados.

Com estas reflexões, a figura da Virgem Maria ganha destaque nos últimos parágrafos do documento, onde é proclamada como a “Rainha de toda Criação” (LS 241), título este que tem um papel importante na atitude integral que humanidade deve assumir com a toda a natureza e com a sociedade. Seu papel universal é destacado por Lúcia Pedrosa-Pádua:

Sua atuação na vida terrena se abre para o futuro glorificado da criatura. O corpo glorificado de Maria, juntamente com Cristo ressuscitado, representa parte desta criação que alcançou a plenitude da realização e da beleza. Há, neste título, em coerência com a teologia de Francisco, uma ampliação universal da atividade terrena de Maria que é contemplada nos Evangelhos (PÁDUA, 2019, p.156).

Contemplada de modo plena, Maria radicaliza toda a sua atitude de cuidado e zelo maternal com Jesus para com toda a humanidade. Ela que cuidou de Jesus, hoje cuida do mundo ferido; ela que chorou as dores de seu Filho, hoje chora pelos sofrimentos dos pobres e dos excluídos; ela que esteve presente em todos os momentos da vida de Cristo; hoje está presente nos momentos difíceis da humanidade. Não é de se estranhar que as primeiras palavras do Papa para a Virgem Maria são de uma “Mãe que cuida” (LS 241), pois é possível, por meio dela, aprender “os caminhos do cuidado e compaixão pelo mundo, bem como o princípio de misteriosidade que acompanha toda a criação” (PÁDUA, 2019, p.156).

A dimensão do cuidado que apareceu nas reflexões da encíclica, encontra o seu coroamento na Mãe de Jesus, em sua atitude toda doada ao Filho ela traz o antídoto que se contrapõe com a realidade dominadora do ser humano. Ela faz retornar para aquela “relação originariamente harmoniosa entre o ser humano e a natureza” (LS 66), presente no livro do Gênesis, onde são chamados a cultivar e guardar a terra. Por isso, Maria é invocada como a Rainha, “não porque está distante, encastelada em uma nobreza solitária, mas porque é uma mulher concreta na história que viveu a compaixão” (SOUZA; COSTA, 2022, p.104)

O Papa destaca que ao viver plenamente os valores do Reino de Deus, Maria inverte a lógica do mundo e clama por igualdade social com um olhar voltado para o cuidado humano, como vemos claramente em seu canto do *Magnificat*. Ao se aprofundar na mensagem do Papa na *Laudato Si'*, o teólogo Frei Betto, assim afirma sobre a espiritualidade mariana aplicando-a na realidade latino-americana:

A espiritualidade mariana deve estar apoiada em dois pilares no *Magnificat* (Lc 1,46-55), no qual Maria entoa seu compromisso com uma espiritualidade libertadora que 'derruba os poderosos de seus tronos e promove os humildes, enche de bens os famintos e despede os ricos de mãos vazias', e no apoio incondicional que ela deu à missão arriscada de seu filho Jesus (FREI BETTO, 2016, p.168).

Ao clamar pela justiça e pela libertação da sociedade, a Virgem Maria faz de seu canto a prece de toda a Igreja, e de modo especial, por todos os pobres, pois são eles que “fornecem o ângulo hermenêutico melhor e mais aberto para interpretar o cântico messiânico de Maria em todo o seu alcance, tanto histórico como escatológico” (BOFF, 2006, p.328). Esta mensagem está em plena harmonia com a encíclica *Laudato Si'* que tem os pobres como opção preferencial e que apela para a sociedade a necessidade da justiça e solidariedade social.

Maria sendo a Mãe e Rainha de toda Criação, também se torna a Mãe da Amazônia, que em sua intercessão, “manifesta-se de distintas maneiras na Amazônia” (QA 111). Pensando na porção do povo de Deus presente na realidade pan-amazônica, o Papa celebra um Sínodo extraordinário com a finalidade de encontrar novos caminhos para a evangelização, como também em ir “em direção à escuta do grito das populações, o grito da Igreja local e o grito do território” (CONCEIÇÃO, 2021, p.254).

O povo pan-amazônico e indígena em sua experiência de fé, recorrem muitas vezes, no caminho mariano para renovar e comungar de sua fé em Jesus Cristo, e por isso, o papel de Maria é importante nesta realidade, em especial na atuação das mulheres, que por meio do rosto feminino da Mãe Amazônica se encontra o rosto de muitas mulheres fortes e perseverantes que comunicam a fé diante desta realidade desafiadora.

Sendo estas impelidas pelo Espírito Santo, batizam e catequizam, num verdadeiro discipulado missionário, levando o Evangelho para comunidades “sem que nenhum sacerdote passasse por lá” (QA 99). A Igreja, tipo e imagem de Mãe de Jesus, prolonga “a força e a ternura de Maria Mãe” (QA 101) na Amazônia, de tal modo, “não há como falar de nova evangelização sem assegurar a presença feminina nas comunidades” (PERETTI; QUEIROZ, 2021, p.142). Sem o papel da mulher, a Igreja se reduz a meras estruturas funcionais e perde seu elemento primordial e íntimo, pois para manifestar o seu amor no mundo, Deus usou de dois rostos humanos: Jesus e Maria.

Portanto, percebemos que com estes dois documentos, o Papa leva a reflexão mariológica a um novo patamar, que inclui a dimensão social, antropologia e ecológica, como também, faz dela “uma espiritualidade mariana, que deve ter os pés no chão de nossa história, deve ser vivida de acordo com princípios de sustentabilidade de nosso planeta” (SOUSA; COSTA, 2022, p.104) e que reflete a vida das pessoas e da Criação.

3. Somos todos irmãos: mulher ecumênica, uma igreja fraterna-sinodal.

Nos últimos tempos, a sociedade sofre com diversos dilemas que envolvem a evolução e o desenvolvimento da humanidade. Esta situação gera constantes debates, como também angústias sobrepostas a perguntas sobre o lugar e missão do ser humano e seu significado individual e coletivo. A Igreja, como testemunha do Evangelho, se propõe a iluminar a problemática do homem, incentivando o diálogo com o social e “pondo à disposição do gênero humano as energias salvadoras que a Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, recebe do seu Fundador” (GS 3), em outras palavras, por meio da Doutrina Social, caracterizada pela “continuidade e renovação” (CDSI 85), a Igreja solidariza com o ser humano e apresenta possíveis luzes para o mundo ferido.

Dentro desta esfera social é que se encontra a encíclica *Fratelli Tutti*, publicada pelo Papa Francisco em 2020, na Basílica de São Francisco em Assis. Neste documento, ele renova os “princípios cristãos da convivência humana nos tempos de mundo definitivamente globalizado e marcado por imensos desafios para a convivência humana” (PASSOS, 2021, p.784), é nitidamente claro que a

fraternidade, o diálogo e a amizade social sempre foram refletidas em seu pontificado e o mesmo deixa claro no início da encíclica, justificando:

As questões relacionadas com a fraternidade e amizade social sempre estiveram entre as minhas preocupações. A elas me referi repetidamente nos últimos anos e em vários lugares. Nesta Encíclica quis reunir muitas dessas intervenções, situando-as em um contexto mais amplo de reflexão. Além disso, se na redação da *Laudato Si'* tive uma fonte de inspiração no meu irmão Bartolomeu, o Patriarca ortodoxo que propunha, com grande vigor, o cuidado da criação, agora senti-me especialmente estimulado pelo Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, com quem me encontrei, em Abu Dhabi, para lembrar que Deus 'criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade e os chamou a conviver entre si como irmãos'. Não se tratou de mero ato diplomático, mas de uma reflexão feita em diálogo e de um compromisso conjunto. Esta Encíclica reúne e desenvolve grandes temas expostos naquele documento que assinamos juntos. (FT 5).

O Documento assinado em conjunto com o Grande Imã, foi a base que constitui toda a encíclica, dando seu enfoque nos laços fraternais em vista do bem comum da humanidade. Para o Papa, a “fraternidade humana é equivalente à Paz Mundial e, para alcançá-la, não há outro caminho senão o diálogo fraterno – um diálogo aberto à diversidade e que respeite as diferenças do outro” (ROSSI;GONÇALVES, 2022, p.77), deste modo, ao se deparar com um mundo ferido e necessitado de ajuda, as diferenças religiosas e culturais não devem ser barreiras para o comum auxílio, isto porque, para o cristão os necessitados são a presença do próprio Cristo, “todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer” (Mt 25,45).

Neste sentido a fraternidade se torna verdadeiramente uma atitude libertadora, pois nos livra de amarras que nos prendia para fazer o bem, como também igualitária, na medida que derruba estrutura opressoras que excluía um determinado grupo minoritário. Porém, existe uma forte oposição para a fraternidade, onde a pessoa cria “novas barreiras de autodefesa, de tal modo o mundo deixa de existir para que haja apenas o ‘meu’ mundo” (FT 27), o Papa Francisco chama esta atitude de individualismo neoliberal que reacende a cultura dos muros e afasta a alteridade.

Em contraposição a esta atitude, o Papa busca iluminação com a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) que resgata o sentido radical de fraternidade, pois o personagem bíblico ultrapassa os limites humanos e faz do desconhecido

o seu próximo, numa ação perfeita de caridade e amor cristão. A parábola de Jesus nos desafia “a deixar de lado toda a diferença e, em presença do sofrimento fazer-nos próximos a quem quer que seja” (FT 81). Com esta admoestação bíblica, entendemos como pensar e gerar um mundo aberto com atitudes sólidas e políticas de amor, que “exige uma progressiva abertura, uma maior capacidade de acolher os outros” (FT 95).

O amor em consonância com o próximo gera fecundidade e amadurece a sociedade, superando o individualismo, isto porque “é um dinamismo que se expande para além do eu individual; um movimento que supera os narcisismos a avança até a esfera mais distante do outro desconhecido e necessitado” (PASSOS, 2021, p.794). Neste sentido, o amor eleva a dinâmica social para o âmbito universal, onde pequenos grupos não são excluídos ou glorificados, portanto, a caridade busca o bem de todos e com este dinamismo pode “gerar um mundo novo” (FT 183).

Seguindo o pensamento do Papa nesta encíclica, temos em sua mariologia, a figura de Maria novamente delineada como modelo e figura da Igreja em seu aspecto de acolhimento e de busca da promoção humana na fraternidade universal. Assim, “a Igreja é uma casa com as portas abertas, porque é mãe. E como Maria, Mãe de Jesus, queremos ser uma Igreja que serve” (FT 276). Encontra-se assim, o fundamento último de todas as religiões, que é a abertura do Pai a todas as pessoas, pois de acordo com o Papa, somente compreendendo que somos filhos e não órfãos é que teremos a paz e a igualdade na humanidade (cf. FT 272).

Por isso, o diálogo e o mútuo reconhecimento com todas as religiões é necessário para existir esta fraternidade e amizade social. O Papa Francisco afirma que “o amor de Deus não faz distinção, mas que tão somente ama, mediante o empenho por uma sociedade em que todos se reconhecem como irmãos, havendo espaços para a diversidade cultural” (ROSSI; GONÇALVES, 2022, p.82-83), ou seja, é possível um caminho de paz que parta do olhar de Deus, que “olha com o coração. E o amor de Deus é o mesmo para cada pessoa, seja qual for a religião” (FT 281).

Para muitos, esse caminho de fraternidade e amizade social têm a figura materna de Maria, símbolo da comunhão e participação. Em uma mensagem

para 25º Congresso Mariológico Mariano Internacional¹⁸, o Papa Francisco proclama:

E nas fronteiras, a Mãe do Senhor tem uma sua presença específica: é a Mãe de todos, independentemente da etnia ou da nacionalidade. Assim, a figura de Maria torna-se ponto de referência para uma cultura capaz de superar as barreiras que podem criar divisões. Por isso, no caminho desta cultura de fraternidade, o Espírito chama-nos a aceitar mais uma vez o sinal de consolação e esperança segura que tem o nome, o rosto e o coração de Maria, mulher, discípula, mãe e amiga (Papa Francisco, 22 de agosto de 2021).

No relato da Crucificação de Jesus no Evangelho segundo João (Jo 19,26), Maria recebe do seu próprio Filho a missão de ser a mãe de toda a humanidade. E seu cuidado antes com seu Filho agora é universalizado para os seus filhos, dimensão esta que ultrapassam as fronteiras da religião e alcança todos (cf. FT 278).

O diálogo inter-religioso e ecumênico podem encontrar perspectivas positivas quando refletem sobre a Mãe de todos, apesar dos entraves existentes em algumas denominações religiosas. As dificuldades não surgem propriamente do campo teológico da Mariologia, mas “pelo fato de que nela culminam os outros setores da Teologia e da meta teologia, dificilmente harmonizáveis com os da Reforma” (MEO, 1995, p.436).

Além de todo atrito que podem surgir deste diálogo, a presença de Maria não deve ser ignorada, pois como Mãe, ela faz “um passeio por toda as obras de Deus realizadas em todas as pessoas” (LUTERO, 2019, p. 72), não somente mostra, como também canta as maravilhas de Deus pela humanidade. Isto porque a “obra realizada nela não beneficia somente a ela, mas a todo povo de Israel” (LUTERO, 2019, p.105).

Deste modo, podemos afirmar que em Maria todo o movimento ecumênico encontra uma mãe, que em sua participação ativa no mistério da Encarnação gera “um mundo novo, onde todos sejamos irmãos” (FT 278). Nesta atitude, que tem como centro a pessoa de Jesus Cristo, Maria concebe um mundo onde tem lugar para todas as pessoas, principalmente para os rejeitados

¹⁸ Papa Francisco. Mensagem do Papa Francisco aos participantes no 25º Congresso Mariológico Mariano Internacional. 22 de agosto de 2021.

da nossa sociedade, um verdadeiro lugar que resplandece a promoção humana, a justiça e a paz.

Deste modo, vemos que o Papa Francisco, com as suas encíclicas *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*, denuncia as fraturas profundas que a humanidade sofre atualmente e destaca a importância da sociedade de assumir posturas que colaboram com a Casa Comum. Assim, surge na Igreja o resgate de uma linha mestra da sinodalidade, um “caminhar juntos”, que se constitui como sinal profético para a humanidade. Maria e sinodalidade “são temas que se complementam” (MARQUES; SOUSA, 2022, p.9), isto porque ela participa plenamente na vida de Jesus até o envio missionário de Pentecostes e com a Igreja perseverou até o fim, deste modo, “Maria revela o rosto sinodal da Igreja” (MARQUES; SOUSA, 2022, p.10).

O papel mariano dentro da construção da Igreja sinodal é de suma importância para a comunidade de fé, pois em Maria encontramos as características fundamentais da sinodalidade: comunhão, participação e missão. Célia Sousa e Jonas Costa, afirmam que:

A pertença e a participação de Maria na comunidade capacitam e encorajam as/os discípulas/os missionárias/os a assumirem o chamado do Mestre Jesus. Ela não desanimou de sua missão de discípula, após a perda de seu Filho Jesus. Alicerçada nos pilares da fé, da fidelidade, no serviço e na missão, ela permanece com a comunidade. Caminhar juntos, esse é o sentido máximo da sinodalidade. Maria é, para nós, a educadora na fé, para nos assemelhar cada vez mais a Jesus (SOUSA; COSTA, 2022, p.57).

A Igreja deve ser a Casa do Pai que é aberta para todos aqueles que buscam um lugar seguro para enfrentar as dificuldades e fadigas de suas vidas. Esta casa é para todos sem distinção, pois ambos têm a mesma dignidade diante de Deus, em unidade com o Cristo, que é a cabeça que une todos os membros, a Igreja se torna sinal de comunhão. Maria, sendo Mãe da Igreja, também “é artífice de comunhão” (Dap 286) e não se contenta com adversidade, pois sempre intercede pelo povo, como nas Bodas de Caná com a falta do vinho, símbolo da “falta de alegria e de compromisso na adesão a Jesus e seu anúncio” (SOUSA; COSTA, 2022, p.57).

O Povo de Deus é chamado a se envolver neste projeto salvífico, com o empenho de escutar todos de modo profundo e respeitoso, gerando um

verdadeiro ambiente de participação. Novamente a figura de Maria resplandece, pois ela não “viveu isoladamente sua missão. A saída de Maria para ir ao encontro de Isabel demonstra a comunhão do Povo de Deus, o antigo e o novo, que agora se alegra com a Boa notícia do Reino” (MARQUES; SOUSA, 2022, p.21). A Igreja em saída também é missionária, não existe por si mesma, mas anuncia Jesus e o seu Reino, juntamente com a perfeita discípula que forma missionário em continuidade com seu Filho.

Por fim, contemplando toda a perspectiva evangelizadora e pastoral do Papa Francisco, que no decorrer de todo o seu pontificado, se dedicou a impulsionar a Evangelização da Igreja, com o cuidado com os mais frágeis, o zelo pela Casa Comum, o diálogo fraterno-social e a sinodalidade da Igreja, aponta para um mistério resgatado pelo Concílio: Maria, como Figura e Imagem da Igreja. Ao “caminhar com o seu povo, desde as primeiras comunidades” (MARQUES; SOUSA, 2022, p.13), a Virgem Maria aponta um estilo mariano de anunciar Jesus, pautando pelo cuidado e o afeto, próprios da figura materna e feminina de alguém que assume o projeto do Reino de Deus.

CONCLUSÃO

Após estas considerações sobre a reflexão mariológica do Papa Francisco e sua aplicação nas perspectivas evangelizadora, pastoral e social. Pode-se concluir que no pensamento do pontífice existe uma preocupação para que haja uma reflexão sadia e equilibrada sobre a Virgem Maria, como também uma melhor compreensão do seu papel dentro da Igreja. Isto para que se evite cair numa mariologia elevada que não contribui para a sociedade e para a eclesiologia.

Na escuta dos sinais dos tempos, o Papa percebe as dificuldades que brotam do pensamento neoliberal e do capitalismo desenfreado que gera na sociedade uma cultura do descarte e da sacralização do mercado. Consciente disto, o sucessor de São Pedro apela para que a Igreja seja cada vez mais pobre, para os pobres e com os pobres, pois os “empobrecidos não podem sair da ótica de uma Igreja que segue as inspirações do Vaticano II” (SOUZA, 2022, p.626).

As encíclicas *Evangelii Gaudium* e *Laudato Si'* trazem o resgate do originário do anúncio evangélico: o Reino de Deus. Vemos isto claro, quando a primeira opta por apresentar a novidade da mensagem cristã dentro do cenário social, enquanto a outra reflete sobre a importância do cuidado da Casa Comum, diante da crise ecológica que assola a humanidade.

Como forma de renovar este cenário, o Papa convida a Igreja a refletir sobre novas atitudes que devem ser adotadas, para uma melhor ação em cenários particulares, como no caso do Sínodo da Amazônia e a Economia de Francisco. No fundo, o Papa busca trazer estes temas, muitas vezes silenciados, em discussão e destaca o papel transformador do cristão.

Somado a isto, internamente a Igreja precisava de uma reforma com duas linhas de ações: uma nova retomada do seu papel diante de uma realidade plural e de uma descentralização da Cúria Romana. O Papa Francisco, novamente age em protagonismo ao derrubar as barreiras institucionais e apresenta um novo vigor para estas estruturas. Ainda denuncia dois desvios da Igreja, que na verdade são resgates de tendências antigas, o neopelagianismo e o neognosticismo, que evidencia uma atitude individualista e moralista da vida cristã.

Em tempos de guerras e de pandemias, uma mensagem de fraternidade e amizade social, se torna oportuna para a construção de um mundo novo, onde haja igualdade de direitos e um melhor diálogo com o diferente. A *Fratelli Tutti* é uma encíclica que reconhece o valor da vida fraterna e a torna uma forte mensagem que inverte a lógica de uma sociedade individualista e excludente. Dentro da Igreja, esta mensagem se prolonga com uma retomada da compreensão sinodal, que destaca a comunhão, participação e missão.

Diante de todo este contexto, a Mariologia do Papa Francisco esteve presente de sua ação pastoral, não somente como uma oração conclusiva ou uma reflexão separada, mas como um ícone que coroa toda mensagem evangélica que brota de Jesus Cristo. Isto porque “o Senhor quis manifestar o seu poder e o seu amor através de dois rostos humanos: o de seu divino Filho feito homem e o de uma criatura que é mulher, Maria” (QA 101).

A Virgem Maria inverte a lógica individualista, com sua ternura e solicitude com os próximos. O seu anúncio do *Magnificat* impulsiona o cristão a se posicionar contra a desigualdade social e a economia excludente que mata. A sua entrega plena na vontade de Deus, provoca a humanidade a reconhecer que todos dependem do Único Criador e que o cuidado pelo ser humano se estende no zelo para toda a Criação.

A atenção de Maria com os que sofrem é um apelo para uma sociedade mais fraterna e a sua habilidade de “transformar um curral na casa de Jesus” (EG 286) faz a humanidade acreditar na luta de um mundo melhor. Maria sendo imagem e tipo da Igreja, principalmente nos aspectos femininos e maternos, ilumina o Povo de Deus, para que as estruturas eclesiais se reconheçam como mãe que educa no amor e que cuida com prestação, evitando cair numa esfera institucionalmente fria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Bíblia e Documentos do Magistério:

BÍBLIA. Português. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2002.

CONSELHO DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Documentos do CELAM**: Rio, Medellín, Puebla, Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004.

CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Brasília e São Paulo: Edições da CNBB, Paulus e Paulinas, 2007.

CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. **Os papas e o Santuário de Aparecida**. Brasília: Edições CNBB, 2016.

CONCÍLIO VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos e declarações. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

PAPA BENTO XVI. **A Virgem Maria, segundo o Papa Bento XVI**. Brasília: Edições CNBB, 2016.

PAPA BENTO XVI; PAPA FRANCISCO. **A profissão da Fé**. São Paulo: Paulus, 2019.

PAPA FRANCISCO. **A Igreja**. São Paulo: Paulus, 2019.

PAPA FRANCISCO. **A Família**. São Paulo: Paulus, 2019.

PAPA FRANCISCO. **Admirabile Signum**. Brasília: Edições CNBB, 2020.

PAPA FRANCISCO. **Evangelium Gaudium**. São Paulo: Paulus e Edições Loyola, 2013.

PAPA FRANCISCO. **Fratelli Tutti**. São Paulo: Paulus, 2022.

PAPA FRANCISCO. **Gaudete et Exsultate**. São Paulo: Paulus, 2018.

PAPA FRANCISCO. **Laudato Si**. São Paulo: Paulus e Edições Loyola, 2015.

PAPA FRANCISCO. **Lumen Fidei**. São Paulo: Paulus e Edições Loyola, 2013.

PAPA FRANCISCO. **Misericordiae Vultus**. São Paulo: Paulinas, 2015.

PAPA FRANCISCO. **Querida Amazônia**. São Paulo: Paulus, 2020.

PAPA JOÃO PAULO II. **Redemptoris Mater**. Brasília: Edições CNBB, 2016.

PAPA JOÃO PAULO II. **Rosarium Virginis Mariae**. São Paulo: Paulus, 2016.

PAPA PAULO VI. **Marialis Cultus**. Brasília: Edições CNBB, 2016.

PAPA PAULO VI. **Signum Magnum**. Brasília: Edições CNBB, 2016.

PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005.

2. Livros e publicações:

AUGUSTIN, George. **Por uma Igreja “em saída”**: impulsos da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

BALTHASAR, Hans Urs von. **Maria para hoje**. São Paulo: Paulus, 2016.

BOFF, Clodovis. **Dogmas Marianos**: Síntese catequético-pastoral. São Paulo: Editora Ave Maria, 2010.

BOFF, Clodovis. **Mariologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BOFF, Clodovis. **Mariologia Social**. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Leonardo. **A Ave Maria: o feminino e o Espírito Santo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BOFF, Leonardo. A encíclica do Papa Francisco não é “verde”, é integral. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). **Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da *Laudato Si'***. São Paulo: Paulinas, 2016, p.15-23.

BOFF, Leonardo. **Rosto Materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

BOFF, Lina. **A figura da Virgem Maria nas Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e Caribe**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2022.

BOFF, Lina. **Evangelhos: Fonte de Espiritualidade Cristã**. Santo André, SP: O Mensageiro de Santo Antônio, 2015.

BOFF, Lina. **Mariologia: interpelações para a vida e para a fé**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BOFF, Lina. **Maria no movimento do Espírito Santo: em perspectiva evangelizadora pastoral**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2020.

BRUSTOLIN, Leomar A. **Eis tua mãe: síntese de Mariologia**. São Paulo: Paulinas, 2017.

CATALAMESSA, Raniero. **Maria – Um espelho para a Igreja**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2019.

CAPRANI, Júlio. **Maria, a Estrela da Evangelização:** A presença de Maria nas cinco Conferências Gerais do CELAM. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2014.

CONCEIÇÃO, Elizeu da. O Sínodo da Amazônia e a ética do cuidado: a Amazônia clama por uma resposta concreta e reconciliadora. In: CONCEIÇÃO, Elizeu da; NOBRE, José Aguiar (orgs.). **A “cura” da casa comum:** ano especial da *Laudato Si’* e os desafios a partir do Sínodo para a Amazônia. São Paulo: Paulinas, 2018, p.253-290.

CORBELLINI, Dom Vital. **A visão sobre Maria nos Padres Latinos até o século V.** Brasília: Edições CNBB, 2018.

COSTA, Jonas Nogueira. **Maria e o Espírito Santo:** nas Sagradas Escrituras e nos Santos Padres. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2020.

COSTA, Jonas Nogueira. **O Magnificat: Transbordamento de louvor e gratidão.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 2021.

COYLE, Kathleen. **Maria tão plena de Deus e tão nossa.** São Paulo: Paulus, 2015.

DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (org.). **Dicionário de Mariologia.** São Paulo: Paulus, 1995.

FORTE, Bruno. **Maria, a Mulher ícone do mistério.** São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

FREI BETTO. A espiritualidade proposta pela encíclica *Laudato Si’*. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). **Cuidar da Casa Comum:** chaves de leitura teológicas e pastorais da *Laudato Si’*. São Paulo: Paulinas, 2016, p.157-168.

GALLI, Carlos María. **Cristo, Maria, a Igreja e os povos: A Mariologia do Papa Francisco**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

GAUDIO, Daniela Del. **Maria de Nazaré: breve tratado de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 2016.

IRINEU DE LIÃO. **I, II, III, IV, V Livros**. São Paulo: Paulus, 1995.

IWASHITA, Kuniharu. Maria na Vida da Igreja: Graça e Esperança. In: ALMEIDA, João Carlos; MANZINI, Rosana; MAÇANEIRO, Marcial (org.). **As Janelas do Vaticano II: A Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013, p.135-154.

KRIEGER, Dom Murilo Sebastião Ramos. Maria: a primeira leiga cristã: na Palavra de Deus. In: ALMEIDA, João Carlos (org.). **Uma leiga chamada Maria**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2019, p.41-53.

KRIEGER, Dom Murilo Sebastião Ramos. Maria: a primeira leiga Cristã – Nos Santos Padres. In: ALMEIDA, João Carlos (org.). **Uma leiga chamada Maria**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2019, p.55-72.

LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Loyola, 2005.

LOPES, Geraldo. **Lumen Gentium: Textos e comentários**. São Paulo: Paulinas, 2011.

LUTERO, Martim. **Magnificat: o louvor de Maria**. Aparecida, SP e São Leopoldo, RS: Editora Santuário e Editora Sinodal, 2019.

MAÇANEIRO, Marcial. Ecologia e solidariedade: proposições da Encíclica *Laudato Si'*. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MANZINI, Rosana (orgs.). **A**

doutrina social da Igreja e o cuidado com os mais frágeis. São Paulo: Paulinas, 2018, p.253-290.

MARQUES, Maria Antônia; SOUSA, Celia Soares de. **Maria e os fundamentos da sinodalidade.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 2022.

MASSIMO, Faggioli. **Vaticano II: A luta pelo sentido.** São Paulo: Paulinas, 2013.

MELLO, Pe. Alexandre Awi. **Maria, discípula missionária do Senhor: A Mãe de Jesus na Conferência de Aparecida.** Brasília: Edições CNBB, 2017.

MELLO, Pe. Alexandre Awi. Uma leiga chamada Maria: identidade e missão do leigo na Igreja e no mundo. In: ALMEIDA, João Carlos (org.). **Uma leiga chamada Maria.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 2019, p.13-39.

MENDONÇA, Luiz Cláudio Azevedo de. **A maternidade Eclesial de Maria.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 2021.

MURAD, Afonso. **Maria – toda de Deus e tão humana:** compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas, 2012.

NOBRE, José Aguiar. *Laudato Si'*: reflexões e interações. In: CONCEIÇÃO. Elizeu da; NOBRE, José Aguiar (orgs.). **A “cura” da casa comum:** ano especial da *Laudato Si'* e os desafios a partir do Sínodo para a Amazônia. São Paulo: Paulinas, 2018, p.253-290.

PIACENTE, Leonardo Henrique. A maternidade virginal de Maria na redenção de Jesus Cristo em Ireneu de Sião e na Lumen Gentium. In: SANCHEZ, Wagner Lopes (org.). **Aparecida:** significados e perspectivas. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2018, p.190-202.

PÁDUA, Lúcia Pedrosa. Uma Igreja Mariana no Magistério do Papa Francisco. In: ALMEIDA, João Carlos (org.). **Uma leiga chamada Maria**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2019, p.139-171.

RATZINGER, Joseph. **A filha de Sião**: a devoção mariana na Igreja. São Paulo: Paulus, 2013.

RIBEIRO, Eduardo. **Maria e a ação evangelizadora da Igreja**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2022.

SANTO AGOSTINHO. **A Virgem Maria: cem textos marianos com comentários**. São Paulo: Paulus, 2019.

SERRA, A. M. **Maria em Caná e Junto à Cruz - Ensaio de Mariologia Joanina**. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

SOUSA, Celia Soares. **O perfil mariano da Igreja e a atuação da mulher na Igreja**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2021.

SOUSA, Celia Soares; COSTA, Jonas Nogueira da. **Maria, onde o céu encontra a terra**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2022.

SOUZA, Ney de. Recepção do Vaticano II na América Latina. In: ALMEIDA, João Carlos; MANZINI, Rosana; MAÇANEIRO, Marcial (org.). **As Janelas do Vaticano II**: A Igreja em diálogo com o mundo. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013, p.85-99.

SOUZA, Ney de. **História da Igreja na América Latina**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022.

SUESS, Paulo. **Dicionário da Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulus, 2015.

3. Artigos e Teses:

ARAUJO, G. L. **Jesus e a Samaritana**. Revista de Cultura Teológica, v. XXIV, n.87 (jan/jun 2016). São Paulo, p.231-249.

ARAUJO, G. L. **João, a Testemunha, no Quarto Evangelho**. Revista Atualidade Teológica, v.22, n. 60 (set./dez 2018), p.547-565.

ARAUJO, G. L. **Maria Madalena**. Revista de Cultura Teológica, v. XXVII, n.93 (jan/jun 2019). São Paulo, p.84-107.

FELLER, Vitor Galdino. **A Mariologia Conciliar, chave para a tarefa teológica atual**. Revista de Cultura Teológica, Ano. XXIX, n.99 (maio/ago 2021). São Paulo, p. 78-95.

GRENZER, Matthias. **Convivências junto à cruz (Jo 19,25-27)**. Revista ATeo, v.21, n. 57 (set./dez 2017). Rio de Janeiro, p.458-475.

GONZAGA, Waldecir. **“Nascido de Mulher (Gl 4,4)”**. Revista Horizonte, v. 17, n. 53 (maio/ago 2019). Belo Horizonte, p.1194-1216.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. **Maria nas conferências episcopais da América Latina**. Revista ATeo, v.21, n. 57 (set./dez.2017). Rio de Janeiro, p.437-457.

IWASHITA, Pedro K. **Maria na Teologia Simbólica da Patrística**. Revista de Cultura Teológica, v. XXIV, n. 87 (jan/jun 2016). São Paulo, p.75-107.

PASSOS, João Décio. **Fratelli tutti: uma Encíclica renovadora sobre as coisas novas e urgentes**. Revista Horizonte, v. 19, n. 59 (maio/ago 2021). Belo Horizonte, p. 782-801,

PEREIRA, Thiago Azevedo. **Maria, Mãe da Igreja em saída: Uma reflexão sobre a maternidade de Maria, do Concílio Vaticano II ao Decreto Ecclesia Mater no magistério do Papa Francisco**. Orientadora Lúcia Pedrosa Pádua. 2019. 110f. Tese (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2019.

PERETTI Clélia; QUEIROZ Ivoneide. **Mulher e Ministérios na Igreja Católica à luz do pensamento do Papa Francisco**. Revista de Cultura Teológica, v. XXIX, n. 98 (jan/abr 2021). São Paulo, p.133-152.

ROSSI, André Luiz; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. **A diversidade religiosa na *Fratelli Tutti***. Revista de Cultura Teológica, v. XXX, n. 102 (mai/ago 2022). São Paulo, p.71-88.

4. Bibliografia eletrônica

PAPA FRANCISCO. **Discurso aos professores e estudantes da Pontifícia Faculdade Teológica Marianum de Roma**. 24 de outubro de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/october/documents/papa-francesco_20201024_marianum.html. Acesso em: 04 nov. 2022.

PAPA FRANCISCO. **Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela da Casa Santa Marta. “A Igreja é mulher e mãe”**. 21 de maio de 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180521_igreja-mulher-mae.html. Acesso em: 04 nov. 2022.

PAPA FRANCISCO. **Mensagem do Papa Francisco aos Participantes no 25º Congresso Mariológico Mariano Internacional**. 22 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2021/documents/20210822-messaggio-congressomariano.html>. Acesso em: 04 nov. 2022.

PAPA PAULO VI. **Discurso do Papa Paulo VI na Clausura da Terceira Sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II**. 21 de novembro de 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19641121_conclusions-iii-sessions.html. Acesso em: 04 nov. 2022.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Decreto *Ecclesia Mater sobre a celebração da bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja no Calendário Romano Geral*. 11 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/03/03/0168/00350.html#portD>. Acesso em: 04 de nov. 2022.